

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Agressões Sexuais Sofridas por Estudantes Universitárias - Preditores  
Psicossociais Individuais e Contextuais da “Aceitação” de Experiências  
Sexuais Não Desejadas**

**Bárbara Vieira Calado Amorim Nascimento**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**  
**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental Integrativa**

**2023**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Agressões Sexuais Sofridas por Estudantes Universitárias - Preditores  
Psicossociais Individuais e Contextuais da “Aceitação” de Experiências  
Sexuais Não Desejadas**

**Bárbara Vieira Calado Amorim Nascimento**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria João Alvarez**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**  
**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental Integrativa**

**2023**

## Agradecimentos

Foram cinco anos cheios de experiências e aprendizagens, sempre pautados por curiosidade, interesse e vontade de fazer mais e melhor. Na verdade, foram seis, sendo que o primeiro ano a que me refiro não foi passado nesta casa que é a FPUL mas noutro sítio que muito me ensinou, fez crescer e me preparou para estes últimos cinco anos. Sinto que o que sou hoje, as metas que vou alcançando e os sonhos que estão presentes têm um denominador comum, as pessoas que me rodeiam. Não sei o que o futuro me reserva, mas sei que elas estarão sempre presentes, de uma forma ou de outra.

Sabendo que um agradecimento não chega, aqui vai.

À minha família que é o meu maior suporte, as pessoas que mais me celebram e motivam e a rampa para alcançar os meus sonhos. Aos meus pais por me passarem os valores certos e me tornarem numa mulher forte, determinada, curiosa e independente. À minha irmã, o meu primeiro amor.

Aos meus amigos de uma vida, que são como família e que me ajudam a centrar e ter clareza nas decisões que tomo. Que me motivam, suportam e que tornam todo o percurso mais divertido. À amizade, amor, carinho e cuidado que recebo todos os dias de cada um de vocês.

À Mariana, a madrinha que trouxe do meu primeiro ano longe de casa e de todos, que foi base, suporte, cuidado e amor desde o dia em que psicologia nem estava em cima da mesa. A única pessoa que alguma vez passará por cima da minha capa. Nada seria igual sem ti.

Às quatro que este curso me deu, à Inês, Laura e Matilde, todas elas importantes, mas em especial à Alice, a minha companheira destes últimos anos, aquela que nunca me largou e com quem faço uma equipa imparável. Tantas são as memórias bonitas convosco.

Às minhas colegas e orientador de estágio, um suporte criativo, motivacional, educacional e emocional fulcral neste último ano. Obrigada, Ana, Daniela, Carolina, Maria, Mariana, Tatiana, Vitória e Prof Doutor Nuno Conceição.

Aos vários colegas que passaram pelo meu percurso e me inspiraram de alguma forma. Fomos uma boa “leva”, com um futuro bonito, acredito.

Aos professores desta casa que me impactaram cada um à sua maneira e abriram as portas para conhecer e me apaixonar cada vez mais pelo mundo da Psicologia.

À Jennifer, que a demasiados km de distância sonhou e desenhou esta ideia de confrontar a realidade que vivemos, nós mulheres, e sonhar a igualdade comigo. Que me motivou, cuidou e se dedicou a esta dissertação como se fosse dela.

Ao meu parceiro de vida, que me acompanha há cinco anos, e que desde o dia um me motiva, cuida, atura, ama e me continua a fazer acreditar, todos os dias, que não são todos os homens.

À Profª Doutora Maria João Alvarez que imaginou este trabalho comigo ao longo de todo o percurso. Que me deu asas e suporte para criar este projeto. Que nutriu, cuidou e elevou esta dissertação como se fosse dela. Que generosamente partilhou o seu enorme conhecimento e que abriu caminho para esta paixão pela sexualidade. Que esteve sempre presente e me acompanhou incansavelmente em todas as fases do processo deste trabalho. Que se propôs a sair da zona de conforto com a mesma prontidão que teria se lhe fosse uma área de investigação mais familiar.

Às participantes deste estudo que generosamente partilharam momentos da sua vida que nunca deviam ter existido. Aqui têm uma voz.

Um obrigada não chega, sou muito grata a todos.

## Resumo

Apesar da flexibilização das normas de género nas sociedades ocidentais que sugere uma maior igualdade na avaliação do comportamento sexual, continua a existir uma pressão diferente para cada género que não compromete apenas a expressão da sexualidade por parte das mulheres, mas também a violência sexual que sobre elas é exercida. Este estudo investigou a prevalência e dinâmicas da agressão sexual em estudantes universitárias em Portugal (N = 165). Através de um questionário de autorrelato foram recolhidas informações online relativas a agressões sexuais sofridas e sua perceção. Os dados foram analisados com recurso a análises descritivas e regressões lineares múltiplas, através do SPSS e o modelo proposto foi analisado através de equações estruturais recorrendo ao AMOS.

Encontrou-se que várias formas de agressão sexual eram comuns, incluindo a atenção e os toques de cariz sexual indesejados, a coação sexual e o abuso sexual. As vítimas reagiram de várias maneiras, desde a recusa verbal até à aceitação da experiência sexual indesejada, especialmente em casos de coação, *stealth* e tentativa de violação. As razões para “aceitar” experiências sexuais indesejadas variaram, mas muitas vítimas mencionaram sentimentos de obrigação, pressão verbal e física, e culpa. Aquando da exposição a diferentes cenários, nos quais as vítimas consideraram o quão disponíveis estariam para “aceitar” experiências sexuais não desejadas, a maioria não estava disposta a fazê-lo.

No modelo de predição estudado com base na Teoria do Comportamento Planeado e no Modelo da Disponibilidade e Protótipo, as atitudes e as normas subjetivas desempenharam um papel importante na disponibilidade das vítimas para “aceitar” ou rejeitar experiências sexuais não desejadas e, por sua vez, a disponibilidade influenciou o

comportamento de “aceitação”. A percepção de controlo sobre a situação não afetou o comportamento, sendo que muitas participantes não sabiam se teriam ou não controlo para terminar a experiência sexual não desejada.

Em conclusão, este estudo destaca a complexidade das experiências de agressão sexual entre estudantes universitárias em Portugal e a necessidade de estratégias de prevenção abrangentes e sistemas de apoio para garantir a segurança e o bem-estar dessas estudantes.

**Palavras-chave:** violência sexual; agressão sexual; estudantes universitárias; mulheres.

### *Abstract*

Despite the relaxation of gender norms in Western societies, suggesting greater equality in the assessment of sexual behavior, there continues to be a distinct pressure on each gender that not only compromises women's expression of their sexuality but also the sexual violence inflicted upon them. This study investigated the prevalence and dynamics of sexual assault among female university students in Portugal. The present research included 165 female university student participants, with responses obtained through an online questionnaire. Through a self-report questionnaire, online information about experienced sexual assaults and their perception was collected. The data were analyzed using descriptive analyses and multiple linear regressions in SPSS, and the proposed model was examined through structural equations using AMOS.

It was found that various forms of sexual assault are common, including unwanted sexual attention, unwanted sexual touching, sexual coercion, and sexual abuse. Victims responded in various ways, ranging from verbal refusal to acceptance of unwanted sexual experiences, especially in cases of coercion, stealthing, and attempted rape. Reasons for accepting unwanted sexual experiences varied, but many victims mentioned feelings of obligation, verbal and physical pressure, and guilt. When exposed to different scenarios in which victims considered their willingness to "accept" unwanted sexual experiences, most were not willing to do so.

In the predictive model studied based on the Theory of Planned Behavior and the Availability and Prototype Model, attitudes and subjective norms played an important role in victims' willingness to "accept" or reject unwanted sexual experiences, and in turn, willingness influenced the "acceptance" behavior. The perception of control over the

situation did not affect behavior, remaining uncertain for many participants whether they would have control to end the unwanted sexual experience.

To sum up, this study highlights the complexity of sexual aggression experiences among female university students in Portugal and the need for comprehensive prevention strategies and support systems to ensure the safety and well-being of these students.

**Keywords:** sexual violence; sexual assaults; female university students; women.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>Enquadramento Teórico.....</b>	<b>15</b>
Os contributos da teoria feminista para o debate sobre as agressões sexuais.....	17
Agressão sexual na universidade.....	19
A genderização na violência.....	22
O conceito de consentimento.....	25
O comportamento de “aceitar” experiências sexuais não desejadas.....	27
Modelos Teóricos.....	28
Objetivos do estudo.....	30
<b>Método.....</b>	<b>32</b>
Participantes.....	32
<i>Design</i> do Estudo.....	32
Instrumento.....	32
Procedimento.....	37
Procedimentos de Análise.....	39
<b>Resultados.....</b>	<b>41</b>
Análise Descritiva.....	41
Correlações.....	51
Análise de Regressão e Modelo de Equações Estruturais.....	55
<b>Discussão.....</b>	<b>62</b>
Limitações, pistas para investigações futuras e implicações.....	67
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>70</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>77</b>

## Índice de Figuras

Figura 1 - Organização hierárquica da violência sexual e das várias agressões sexuais.....	17
Figura 2 - Modelo adaptado com base na TCP de Ajzen (1991) e no MDP de Gerrard e colaboradores (2008) .....	30
Figura 3 - Pesos fatoriais, de cada item em cada variável e correlações entre variáveis do modelo de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada.....	61

## Índice de Quadros

Quadro 1 - Características sociodemográficas da amostra.....	41
Quadro 2 - Agressões sexuais e percentagem das participantes vítimas destas agressões que as considera agressões sexuais.....	42
Quadro 3 - Contexto relacional das participantes, sexo e género do agressor.....	43
Quadro 4 - Comportamentos adotados perante a situação de agressão sexual.....	44
Quadro 5 - Percentagem de agressões sofridas e que continuaram. Razões para tal.....	46
Quadro 6 - Disponibilidade em vários cenários.....	48
Quadro 7 - Médias, desvio padrão e correlações entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – toque de cariz sexual indesejado (N = 145).....	51
Quadro 8 - Correlação entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – coação sexual (N = 145).....	53
Quadro 9 - Correlação entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – abuso sexual (N = 145).....	54

Quadro 10 - Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – toque de cariz sexual indesejado (N = 145).....	56
Quadro 11 - Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – coação sexual (N = 145).....	57
Quadro 12 - Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – abuso sexual (N = 145).....	58
Quadro 13 - Médias, desvio padrão e correlações entre variáveis latentes para o comportamento global de “aceitar” uma experiência sexual não desejada (N = 145).....	59

### **Índice de Anexos**

Anexo 1 – Questionário (Nascimento, B. & Alvarez, M. J., 2022).....	80
Anexo 2 – Consentimento Informado.....	110

## Introdução

As questões relacionadas com a sexualidade têm vindo a ganhar um espaço de debate bastante proeminente na sociedade atual. No entanto, a sexualidade feminina é reprimida pelo Duplo Padrão Sexual, críticas à promiscuidade, leis sexistas sobre violação e homicídios por honra, entre outros (Muggleton et al., 2019). Não obstante os movimentos feministas vigentes na sociedade atual, permanece algo enraizada a ideia patriarcal de que ser mulher obriga a determinados comportamentos e posturas a nível da sexualidade, por comparação a ser homem. Concretizando, existe um conjunto de padrões comportamentais ao nível da sexualidade mais estrito para as mulheres do que para os homens, apenas pelo facto de se ser mulher. Apesar da flexibilização das normas de género nas sociedades ocidentais que sugere uma maior igualdade na avaliação do comportamento sexual, continua a existir uma pressão diferente para cada género (Endendijk, 2020). Fazem parte desta pressão a mudança do duplo padrão sexual de comportamentos mais tradicionais para outros comportamentos, tais como os relacionamentos sexuais casuais (Alvarez et al., 2023). Este fenómeno reflete a persistência de crenças de género que enfatizam a sexualidade ativa e sem compromisso para os homens e passiva e relacional para as mulheres (Alvarez et al., 2023). Ainda, no estudo de Alvarez e colaboradores (2023), as mulheres relataram sentir pressão social para ter uma vida sexual ativa, mas, paradoxalmente, também sentem que tomar a iniciativa num relacionamento casual pode prejudicar um futuro relacionamento sério.

Especificamente, as mulheres jovens que aderem ao duplo padrão sexual tradicional parecem priorizar os desejos dos seus parceiros homens ao invés dos seus próprios desejos e, desta forma, estar propensas a aceitar experiências sexuais não desejadas para agradar seus parceiros ou em encontros casuais (Armstrong et al., 2010).

Uma das consequências do Duplo Padrão Sexual relaciona-se com os seus efeitos na violência sexual contra as mulheres (Kim et al., 2019). Movimentos como o *#MeToo*, contra a violência sexual, têm tido um papel fundamental em promover um espaço de debate para este tipo de situações e ampliar a consciência de que o assédio e a agressão sexuais são experiências comuns na nossa sociedade (Jaffe et al, 2021), sendo as mulheres as principais vítimas. Desconhecemos muitos estudos em Portugal referentes ao fenómeno da violência sexual no contexto universitário, sendo este identificado como um sério problema em contextos internacionais (Cantor et al., 2015, 2019; Howard et al., 2018).

Decorrente das expectativas sociais e, eventualmente pessoais, vários tipos de agressão sexual, muitas vezes subtis, acontecem sem que a vítima perceciono o comportamento como uma agressão, os quais podem ter impacto físico, psicológico, social, emocional e académico negativo nas pessoas que os sofrem (O'Connor et al., 2018). No contexto universitário uma em cada cinco mulheres irá experienciar algum tipo de violência sexual durante a universidade (Fedina et al., 2018), sendo a maioria dos agressores homens (O'Connor et al., 2018).

A presente investigação surge com o propósito de compreender o fenómeno da agressão sexual no contexto universitário português, mais concretamente de estudar os vários tipos de agressão sexual que vitimam estas mulheres e determinar os preditores, psicossociais individuais e contextuais da aceitação de experiências sexuais não desejadas. Pretende-se ajudar a predizer este fenómeno através de um modelo que combina a Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen, 1991) e o Modelo da Disponibilidade e Protótipo (Gerrard et al., 2008), bem como contribuir para a prevenção da ocorrência do mesmo. Pretende-se, igualmente, averiguar se estas mulheres percecionam estas experiências sexuais como agressões, de forma a compreender a necessidade de intervenções

psicoeducacionais neste contexto. Procura-se, ainda, aumentar o conhecimento científico no contexto português de forma a fundamentar estas intervenções. Para além disso, investigar sobre agressões sexuais é uma forma de combater uma cultura de medo e opressão feminina e contribuir para maior literacia dos jovens universitários sobre o fenómeno das agressões sexuais e como se protegerem das mesmas.

Esta dissertação está organizada em vários capítulos. Primeiramente apresenta-se o enquadramento teórico que tem como objetivo informar sobre a principal literatura existente – sobre conceptualização da violência e agressão sexual; a pertinência do seu estudo em contexto universitário; diferenças de género na vitimização da agressão sexual; o que se entende por consentimento; modelos teóricos explicativos da aceitação da agressão sexual-, que informa o estudo. O segundo capítulo diz respeito ao método, onde se descrevem os critérios para a participação no estudo, a amostra, o *design*, os instrumentos utilizados – os quais foram criados de raiz -, os procedimentos gerais e o procedimento de análise dos dados. No terceiro capítulo encontra-se a secção dos resultados, no qual é apresentada uma análise descritiva sobre a prevalência de agressões sexuais vividas por mulheres estudantes universitárias e se estas agressões são percebidas como tal. Este capítulo apresenta também os resultados das regressões lineares múltiplas e da *path analysis* realizadas, as quais têm com objetivo prever o comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada através das atitudes, normas injuntivas e descritas, percepção de controlo e disponibilidade das participantes. No último capítulo, é apresentada uma discussão que tem como objetivo interpretar e discutir os resultados à luz da revisão de literatura e propor novas hipóteses, bem como explicitar as limitações do estudo e ideias para estudos futuros.

## Enquadramento Teórico

A violência sexual pode ser definida como ser alvo de qualquer tipo de ato sexual não desejado, de tentativa de realização de atividades sexuais, de investidas sexuais indesejadas, exploração ou tráfico sexual (Organização Mundial da Saúde & Krug, 2002). Estas práticas são direcionadas contra uma pessoa, podendo ser praticadas por qualquer indivíduo, independentemente da relação com a vítima ou da idade da mesma (criança, adulto ou idoso) e do contexto. Incluem-se nesta definição cenários em que a vítima não tem capacidade de dar consentimento, como nos casos em que está alcoolizada, sob efeito de narcóticos, inconsciente ou psicologicamente incapaz de compreender a situação (Organização Mundial da Saúde & Krug, 2002). Consideramos a violência sexual como um “conceito guarda-chuva” que abarca a agressão sexual, um conceito mais restrito.

A agressão sexual pode ser conceptualizada como qualquer tipo de atividade sexual – penetração, sexo oral, beijos e toques sexuais -, que é imposto a outra pessoa, incluindo situações de atenção sexual indesejada sob a forma de assédio sexual, perseguição e contactos telefónicos obscenos (Krahé, 2020). As ameaças, uso da força física, exploração da incapacidade da vítima para resistir, abuso de autoridade ou pressão verbal constituem estratégias de coação que possibilitam a ocorrência da agressão sexual (Krahé, 2020). A agressão sexual abrange qualquer forma de interação sexual não consentida, independentemente de ser considerada crime do ponto de vista legal (Krahé et al., 2021). Neste estudo, o nosso foco será direcionado para o conceito de agressão sexual, uma vez que optámos por excluir formas de violência sexual como exploração ou tráfico sexual.

Os principais tipos de agressão sexual encontrados na literatura dizem respeito à atenção de cariz sexual indesejada, ao toque de cariz sexual indesejado, à coação sexual, ao abuso sexual, ao *stealth*, à tentativa de violação e à violação sexual. Estes tipos de

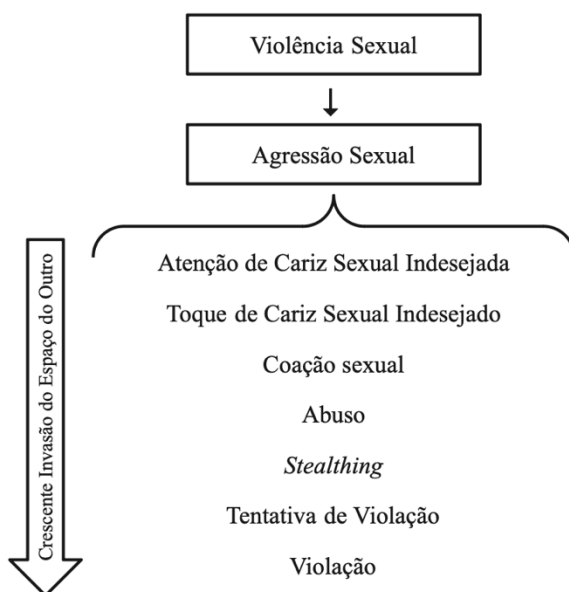
agressão sexual podem ser organizados de forma hierárquica (Figura 1), tendo como critério o grau de invasão do espaço da vítima. A atenção de cariz sexual indesejada é definida por Fitzgerald e colaboradores (1995) como qualquer tipo de atenção sexual verbal ou não verbal indesejada que é sentida como ofensiva, indesejada e não recíproca (e.g., assédio sexual, perseguição ou telefonemas obscenos [Krahé, 2020]), excluído o toque. O toque de cariz sexual indesejado, segundo Fedina e colaboradores (2018), é conceptualizado como qualquer toque ou tentativa de toque de natureza sexual que não é desejado, toque ou tentativa efetivados através do uso de força, ameaças ou coação – como apalpar, beijar ou acariciar (Palamar & Griffin, 2020), excluindo a penetração. A coação sexual consiste em forçar na vítima determinado comportamento sexual não desejado, através do recurso a força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou álcool ou narcóticos (French et al., 2015). O abuso sexual é definido pelo dicionário da *American Psychology Association* (APA, 2007) como uma interação em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, a qual implica maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos.

*Stealthing*, define-se pela remoção dissimulada do preservativo por um parceiro (geralmente masculino) durante a penetração sexual sem que exista conhecimento ou consentimento do/a parceiro/a para tal, o que resulta numa experiência sexual desprotegida não consensual (Alam & Alldred, 2021). A tentativa de violação é caracterizada, conforme o dicionário da APA (2007), pela tentativa de penetração oral, anal ou vaginal sem o consentimento de um indivíduo, usando parte do corpo ou um objeto. Pode ser utilizado o uso de força, serem realizadas ameaças de danos corporais ou ocorrer o aproveitamento da incapacidade do indivíduo para dar ou negar consentimento. A tentativa não envolve consumação do ato sexual. A violação pressupõe a consumação de penetração oral, anal ou

vaginal sem que haja consentimento da vítima. A penetração pode ocorrer com recurso a partes do corpo ou a um objeto, utilizando força, ameaças de danos corporais ou tirando partido da incapacidade do indivíduo de dar ou negar o seu consentimento (American Psychological Association, 2007).

### Figura 1

*Organização hierárquica da violência sexual e das várias agressões sexuais*



### Os contributos da teoria feminista para o debate sobre as agressões sexuais

O feminismo pode ser dividido em quatro períodos ao longo da história. No primeiro período, no século XIX, o movimento esteve associado a causas relativas ao voto e à participação das mulheres na política e ao direito à propriedade. O segundo período, nas décadas de 1960 e 1970, foi marcado por um movimento que se concentrou em questões como a igualdade de género, a sexualidade e os direitos reprodutivos. Defendia-se a ideia de que a luta das mulheres pelo desmantelar da opressão de género, era também uma luta

de classes, como o eram a etnia e a classe social, por exemplo. O terceiro período surgido a partir dos anos 90, trouxe uma visão mais complexa do género, questionando noções tradicionais de feminilidade e feminismo, de sexualidade e heteronormatividade. Foi reconhecida a existência de grupos mais diversos de mulheres e fluidez nas identidades de género. No quarto período, ainda em desenvolvimento, continua o dismantelar do género e do binarismo sexual, o combate à cultura sexista, entendendo o feminismo como parte de uma maior consciência da opressão, na qual se inclui o movimento *#MeToo* e *Timesup* focados no assédio e na agressão sexuais (Rampton, 2015).

Algumas análises sugerem que os segundo e terceiro períodos alcançaram alguns objetivos, incluindo maior representação das mulheres em cargos de liderança, direito ao aborto, controlo sobre a contraceção, maior expressão e aceitação da sexualidade feminina e consciencialização pública sobre os direitos das mulheres. No entanto, a percebida diminuição do feminismo na década de 1990 pode ser atribuída, por um lado, ao sucesso do movimento e, por outro, a campanhas de oposição promovidas pela imprensa conservadora que associava o feminismo à crítica masculina (Rampton, 2015).

Moran (2017) argumenta que as visões predominantes sobre a heteronormatividade são distorcidas pela perspetiva pós-feminista e neoliberal, a qual esconde o sexismo presente na cultura atual e o apresenta como escolha das mulheres, colocando-as em risco em termos de violência e saúde sexuais. O pós-feminismo é uma corrente de pensamento que integra e reavalia os objetivos da segunda onda de feminismo, mas que, paradoxalmente, recusa frequentemente o próprio feminismo, sendo caracterizado pela perceção de que a igualdade de género já foi alcançada, ignorando as desigualdades estruturais. O pós-feminismo insere-se num contexto mais amplo de neoliberalismo que enfatiza a liberdade de escolha e a responsabilidade individual, esquecendo as

desigualdades estruturais e atribuindo à responsabilidade pessoal os resultados negativos, como no caso do envolvimento em relações sexuais não desejadas.

Entrevistas realizadas por Burkett e Hamilton (2012) apoiaram a ideia de “dizer não” para prevenir a violência sexual, no entanto, as participantes também compartilharam experiências em que não conseguiram fazê-lo devido a pressões culturais e interpessoais ou desconforto. Tal conduz a uma culpabilização das próprias mulheres e de outras mulheres por encontros sexuais indesejados, ao invés de se considerar a complexidade do consentimento e da autonomia sexual. O estudo sugeriu que essas contradições refletem uma lente pós-feminista em que as mulheres se veem como empoderadas, mas ainda assim sujeitas às heteronormas.

Apesar do reconhecimento das agressões sexuais parecer ser influenciado por guilhões tradicionais do que é e como se desenrola uma violação, as percepções culturais predominantes de agressões sexuais e da violação parecem estar a mudar. Através do movimento #MeToo, descrições pormenorizadas de experiências sexuais indesejadas têm sido partilhadas publicamente e identificadas como agressões sexuais. Este fenómeno pode levar a mudanças nos guilhões sociais para incluir uma definição mais abrangente de experiências sexuais indesejadas e coação (Jaffe et al., 2021). Embora este movimento não tenha sido o primeiro exemplo do “feminismo de *hashtag*”, tem sido debatido o impacto cultural e alcance do mesmo, parecendo aumentar a sensibilização para o facto de que as agressões sexuais e o assédio são experiências frequentes (Jaffe et al., 2021) e exemplos de violência sexual informados pelas desigualdades de género.

### **Agressão sexual na universidade**

A adultícia emergente é considerada uma fase do desenvolvimento que abrange o período entre o final da adolescência até aos 25 ou 30 anos, sendo um período distintivo da adolescência em termos demográficos, subjetivos e de exploração da identidade (Arnett, 2000), constituindo uma fase importante para a exploração e desenvolvimento saudável da sexualidade (Krahé et al., 2014). Trata-se de uma fase de vida crucial para o desenvolvimento de atitudes, crenças, autoestima e autoeficácia sexual, assim como de guiões sexuais, os quais orientam o comportamento sexual (Krahé, 2012). Nesta fase, os adultos emergentes exploram não apenas o que procuram num parceiro romântico e íntimo, mas também a sua identidade e identidade sexual (Halpern & Kaestle, 2014). Nos adultos emergentes, a supervisão parental diminui e ainda não existe uma pressão normativa significativa para entrar num casamento, o que a torna especialmente adequada para explorar uma variedade de experiências românticas e sexuais (Arnett, 2000). Assim, sendo que o primeiro contacto com o contexto universitário ocorre geralmente pelos 17 ou 18 anos, será de esperar que uma grande percentagem de jovens se encontre numa fase de exploração da sua sexualidade durante o seu percurso universitário.

No livro *American Hookup* de Lisa Wade (2017) é descrita uma investigação sobre a cultura de relacionamentos casuais em universidades dos Estados Unidos da América (EUA). Wade explora as dinâmicas complexas que moldam o comportamento sexual dos estudantes universitários, analisando como as normas sociais, a igualdade de género e as expectativas de relacionamento influenciam essa cultura, levantando ainda questões importantes sobre consentimento e relacionamentos saudáveis. Ao mergulhar profundamente na experiência dos jovens, o livro revela as tensões entre a liberdade sexual e a pressão para se conformar com padrões sociais, descrevendo um retrato das relações íntimas na sociedade contemporânea, onde estão presentes variados tipos de agressão

sexual. Sabemos que o contexto universitário americano em muito difere do contexto português. Os campus universitários americanos “tornaram-se equivalentes a pequenas cidades”, onde se encontram usualmente fraternidades que, por si só, exercem uma grande influência na hierarquia social no campus universitário (Harris & Schmalz, 2016). Já o contexto universitário português não compreende estas estruturas físicas e sociais tão proeminentes.

Embora os contextos universitários americano e português estejam estruturados de forma diferente, a prevalência de agressões sexuais no contexto universitário não varia muito entre ambos, sendo que em Portugal é de 12% e nos EUA varia entre 14% e 17% (Gama, 2016). Se tomarmos em consideração uma escala mundial dos vários contextos universitários, existe uma prevalência de violência sexual no contexto universitário de 9,4% no Brasil, 7,1% em Espanha, 6,6% na Nigéria, 8% no Reino Unido e 27% na África do Sul, de acordo com vários estudos independentes citados na dissertação de mestrado de Gama (2016). Constata-se, assim, que a violência sexual é problema frequente e relevante que merece destaque.

Delimitando um pouco mais as fronteiras. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna de 2022, a maior percentagem (53,7%) de vítimas de violação registadas em Portugal tem idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos, mais concretamente, 24,4% tem idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos. Comparativamente ao ano de 2021, houve um aumento de 30,7% do número de violações registadas em Portugal. Uma dissertação de mestrado realizada em Portugal (Araújo, 2017) mostrou que no contexto universitário, dos participantes inquiridos, 12% esteve envolvido em relações sexuais não consentidas com alguém por ter sido exercida pressão psicológica ou ameaças verbais por

parte da outra pessoa, 5,14% devido ao uso de força física e 5,14% devido ao consumo de álcool ou drogas.

Ainda, o contexto universitário constitui um ambiente que pelas suas particularidades – festas não supervisionadas com consumo de substâncias, consumo excessivo de álcool e encontros casuais – parece criar condições para o aumento do risco de ocorrência de agressões sexuais contra mulheres, ao qual não é alheio o estímulo de atitudes favoráveis à violação, dinâmicas de poder entre os géneros, crenças estereotípicas de género e apoio percebido, por parte dos pares, à agressão (Sinko et al., 2021). Consequentemente, é possível compreender a pertinência da cultura e do contexto universitário no estudo das agressões sexuais em Portugal.

Sob uma perspetiva mais esperançosa, estudantes estão a unir-se para formar comunidades – frequentemente denominadas sociedades feministas -, as quais se encontram no centro da resistência face às normas sexistas. Munidos e informados por comunidades feministas, os estudantes resistem e desafiam as atitudes, comportamentos e práticas institucionais que sustentam a violência de género, desenvolvem abordagens pragmáticas e teóricas para lidar com a violência de género e responsabilizam as universidades e os agressores (Lewis & Marine, 2018).

### **A genderização na violência**

Experiências sexuais não desejadas ainda são experiências comuns para jovens mulheres no mundo ocidental, sendo essas experiências muitas vezes consideradas aceitáveis no contexto das relações heterossexuais (Burkett & Hamilton, 2012). A maioria das agressões sexuais ocorre contra as mulheres, sendo os agressores sobretudo homens (Bevens & Loughnan, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2019), a violência contra as mulheres é uma realidade que afeta aproximadamente uma em cada três mulheres em todo o mundo. Estas estatísticas alarmantes apontam para a disseminação generalizada da violência, tornando-a parte do cotidiano global. Esta normalização da violência contra as mulheres é um aspecto particularmente preocupante, sendo alimentada quando agressões sexuais – pressão, controlo e coação sexual – são exercidas por jovens homens e rotuladas como comportamentos “naturais” (Sinko et al., 2021). Frases como “*Boys will be boys*” são frequentemente usadas para minimizar esses comportamentos desde cedo (Sinko et al., 2021). Esta normalização não justifica apenas o comportamento dos agressores, mas também desencoraja as vítimas a expor o ocorrido e a procurar ajuda (Sinko et al., 2021).

O termo *rape myths* refere-se a crenças estereotípicas acerca das vítimas de agressão sexual, dos agressores e das variáveis situacionais que distinguem a agressão sexual do sexo consensual (Bannon et al., 2013). Estes mitos são usados muitas vezes para transferir a responsabilidade dos agressores para as vítimas de violação (Edwards et al., 2011). Alguns dos mitos comumente aceites incluem a crença de que “isto apenas acontece a ‘certas’ mulheres”, “ela estava a pedir” e “a violação é com frequência falsamente reportada” (Sinko et al., 2021). Este tipo de narrativa pode não só perpetuar a normalização das agressões sexuais contra as mulheres na nossa sociedade, o que é apoiado pelas estatísticas astronómicas apresentadas anteriormente, como desacreditar situações psicológica e fisicamente traumáticas para estas mulheres.

Embora o risco de agressão sexual seja uma preocupação para as mulheres em qualquer das fases de vida, no que concerne às estudantes universitárias estas apresentam taxas particularmente elevadas de agressão sexual (Fisher et al., 1998). De acordo com DeKeseredy (2018), pelo menos uma em cada quatro estudantes universitárias do sexo

feminino experienciou um ou mais tipos de agressão sexual durante sua trajetória acadêmica na universidade. Durante este período podem surgir fatores de risco e padrões de estilo de vida únicos, como o consumo excessivo de álcool e comportamentos sexuais de risco, que potencialmente aumentam a probabilidade de vitimização sexual (Fisher et al., 1998, 2000).

Em 2015, Cantor e colaboradores realizaram um estudo que contou com dados de 27 universidades, no qual 23,3% das mulheres relatou ter sido vítima de agressão sexual desde que iniciou a universidade. A situação não melhorou, uma vez que um estudo de *follow-up* em 2019 mostrou um aumento significativo nos relatos de situações de sexo não consensual nas instituições de ensino que participaram em ambos os estudos (Cantor et al. 2019).

Relativamente à pouca investigação realizada sobre violência sexual sofrida por homens, sabemos que aproximadamente 3% a 8% dos homens americanos e britânicos sofreu algum tipo de agressão sexual na idade adulta e que, dos casos reportados às autoridades, apenas 10% dessas agressões sexuais foi reportada por homens, por comparação com as mulheres (90%), sendo a agressão sexual sofrida por homens o crime menos reportado (Tewksbury & Mustaine, 2001). Há evidências de que homens entre os 18 e os 24 anos que frequentam a universidade estão em maior risco de vitimização de agressão sexual, risco cinco vezes superior aos homens que não frequentam a universidade (Forsman, 2017). Ainda, 5,5% dos homens estudantes universitários reportou ter sido vítima de agressão sexual desde que iniciou a universidade, existindo um aumento no estudo conduzido pelo mesmo autor em 2019 (8,1%) (Cantor et al., 2015).

Ser mulher na sociedade atual envolve uma probabilidade elevada para ser vítima de alguma forma de violência sexual, ser mulher estudante universitária, jovem adulta, parece

aumentar ainda mais, segundo a literatura, as probabilidades. Assim, ainda que a vitimização sexual abarque os dois sexos, tem maior lugar entre as mulheres, parecendo assim importante continuar a explorar a sua prevalência e como a vitimização sexual acontece no sexo feminino.

### **O conceito de consentimento**

Será o consentimento um sentimento? Uma decisão? Um acordo explícito entre duas partes? Um comportamento que indique vontade? Será algo que pode ser assumido ou deve ser expresso de forma explícita? Nenhuma das respostas está correta ou incorreta. A revisão de literatura de Muehlenhard e colaboradores (2016) mostra o quão complexa e envolta em possibilidades é a conceptualização do consentimento. Existem várias variáveis que tornam esta conceptualização difícil de se estabelecer como objetiva, nomeadamente, a ambivalência, a incerteza e a imprevisibilidade subjacente ao comportamento humano. Ainda, as expectativas de género e o duplo padrão sexual criam um contexto desigual para homens e mulheres (Muehlenhard et al., 2016). As jovens que optam por se envolver sexualmente de forma livre ou expressar a sua sexualidade de forma confiante são ocasionalmente rotuladas negativamente. Em contrapartida, os homens frequentemente ganham reconhecimento social ao terem múltiplas parceiras sexuais, recebendo designações positivas. Isso pode fazer com que as mulheres se sintam pressionadas a recusar sexo, mesmo que o desejem, de forma a evitar consequências sociais adversas. Se uma mulher recusa avanços sexuais de um homem, ele pode supor que ela o faz por razões de aparência social e acreditar que ela acabará por ceder, o que pode levar a uma continuação dos avanços. Da mesma forma, alguns homens podem procurar ter sexo, mesmo sem desejo,

para reforçar sua masculinidade (Muehlenhard et al., 2016). Estes fenômenos parecem contribuir para a complexidade de conceptualizar o consentimento.

Decisões subjetivas é a resposta mais intuitiva, tomando em consideração as demais variantes que podem condicionar o modo como o consentimento deve ser conceptualizado. Não estando estabelecido se dar consentimento é considerado um evento discreto ou um processo contínuo, ou se este se refere a um ato mental ou um comportamento explícito verbal ou não verbal, resta a subjetividade de cada um dos intervenientes na experiência sexual para interpretar se há ou não consentimento (Muehlenhard et al., 2016).

A constatação de que alguns homens ignoram as rejeições das mulheres levou a que alguns ativistas contra a violência sexual adotassem *slogans* como “não é não”, de forma a enfatizar a importância de levar a sério essas mesmas rejeições. Interpretar o “não” como uma negação é crucial, mas esta perspectiva não toma em consideração situações em que a mulher não consegue expressar o seu desejo de recusar. O consentimento afirmativo (“só sim é sim”) aborda essa preocupação. Deste modo, a responsabilidade de obter consentimento deve recair sobre quem inicia a atividade, em vez de ser responsabilidade da outra pessoa recusar ou resistir. De acordo com esta perspectiva, “não”, não significa “sim”, silêncio não significa “sim”; apenas o “sim” significa “sim” (Muehlenhard et al., 2016).

Nesta linha de pensamento, quando alguém diz “sim”, é entendido como um sinal de consentimento. No entanto, essa regra não se aplica a todas as situações, uma vez que o “sim” pode ocorrer sob ameaça ou coação, por exemplo. Neste caso, poucas pessoas considerariam esse “sim” como um verdadeiro consentimento. Mas como isso se aplica a situações menos extremas? (Muehlenhard et al., 2016). Mais uma vez vemos ilustrada a complexidade do “dar consentimento”.

Decorrente da profundidade que a conceptualização de consentimento acarreta, neste estudo assume-se que existe consentimento quando determinada experiência sexual ocorre sem oposição – verbal ou não verbal.

### **O comportamento de “aceitar” experiências sexuais não desejadas**

Nalgumas situações, a vontade de se envolver em experiências sexuais e o consentimento para participar nessas experiências são erradamente assumidos como iguais (Muehlenhard et al., 2016). Geralmente descreve-se uma violação como sexo “não desejado” ou presume-se que o desejo de ter sexo automaticamente implica consentimento (Peterson & Muehlenhard, 2007). No entanto, é importante reconhecer que querer algo e dar consentimento são conceitos distintos que podem coexistir num momento, mas noutro não (Muehlenhard et al., 2016).

Quando consideramos o consentimento como um estado interno de vontade, tal implica que o consentimento não é diretamente observável, sendo que os observadores podem apenas fazer inferências com base no comportamento observável (Muehlenhard et al., 2016). O consentimento no sentido de “disposição para”, é importante uma vez que o sexo sem a disposição de alguém é uma preocupação séria. No entanto, neste caso também existem limitações importantes porque os estados internos das outras pessoas são privados e não estão sempre acessíveis (Muehlenhard et al., 2016).

Por esta lógica, é possível “aceitar” uma experiência sexual que não se deseja, ou seja, consentir numa experiência sexual que não se deseja. Segundo Sprecher e colaboradores (1994), 55% das mulheres estudantes universitárias relatou ter consentido experiências sexuais indesejadas. Por outro lado, os discursos heteronormativos têm vindo a mostrar ter um impacto negativo na autonomia sexual das mulheres, tanto antes como durante as

interações sexuais, levando as mulheres a mostrar menor propensão para a assertividade ao iniciar situações sexuais e a sentir desconforto ao expressar as suas preferências durante a interação sexual (Moran, 2017).

### **Modelos Teóricos**

Pelo desconhecimento de modelos preditores da “aceitação” de experiências sexuais não desejadas, recorreremos à Teoria do Comportamento Planeado – a qual já foi utilizada para prever o comportamento abusivo de agressores homens (Tolman, 1996), a intenção de autoproteção de adolescentes perante assédio sexual e abuso (Li et al., 2010) e o comportamento de abandonar uma relação de namoro abusiva (Edwards et al., 2015) – e ao Modelo da Disponibilidade e Protótipo – o qual inclui a disponibilidade, e não apenas a intenção, que consideramos mais apropriada para prever este comportamento.

A Teoria do Comportamento Planeado (TCP) de Ajzen (1991) pressupõe que as intenções e comportamentos são influenciados por três fatores principais – a avaliação pessoal da ação (atitude), a percepção da pressão social (normas subjetivas) e a percepção do controlo sobre a ação (percepção de controlo). É teoricamente pressuposto que se houver uma atitude favorável e/ou sentir pressão social positiva e/ou perceber maior controlo sobre determinada ação é mais provável que haja intenção de realizar a ação e que consequentemente ocorra esse comportamento.

O Modelo da Disponibilidade e Protótipo (MDP) (Gerrard et al., 2008), consiste numa explicação para o comportamento de risco, com foco na interação entre protótipos (representações mentais de pessoas que realizam um comportamento) e a disponibilidade pessoal para realizar esse comportamento. Este modelo sugere que a presença de protótipos positivos e atrativos relacionados com o comportamento de risco, juntamente com uma alta

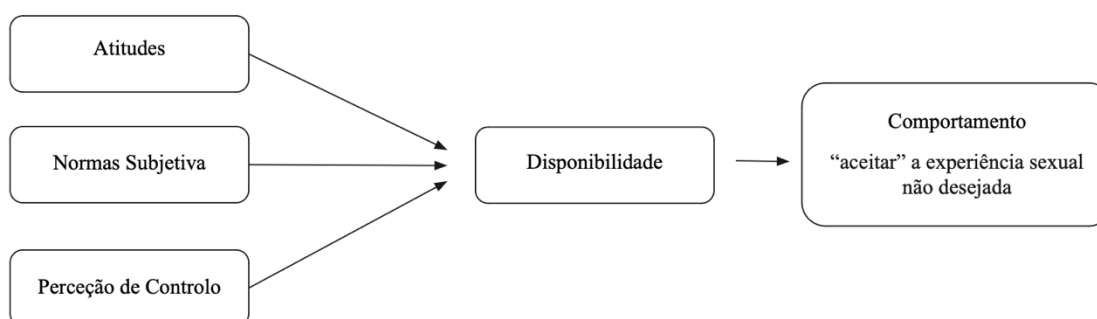
disponibilidade pessoal para realizar esse comportamento, aumenta a probabilidade de uma pessoa adotar o comportamento. No MDP as atitudes e as normas subjetivas influenciam a intenção e a disponibilidade para ter determinado comportamento e o protótipo influencia a disponibilidade para realizar determinado comportamento. Assim, se existir uma atitude positiva face à ação, uma pressão social positiva e um protótipo positivo, a intenção e disponibilidade para realizar determinado comportamento são também positivas e o comportamento tem maior probabilidade de ocorrer. Este modelo acrescenta à TCP o conceito de disponibilidade – reações a situações sociais, nas quais se cria a oportunidade para o envolvimento no comportamento, isto é, abertura a que tal possa acontecer, resultado de alguma ambivalência relativamente à situação-, o qual se adequa melhor ao comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada e é mais plausível por comparação com a intenção. Não foi considerado adequado pressupor a existência de qualquer intenção de aceitar uma agressão sexual por parte das participantes, mas sim, sobretudo por razões sociais, a disponibilidade para a “aceitar”. Por outro lado, pelo facto de o MDP propor explicar os comportamentos de risco de populações mais jovens, pareceu adequado a utilização deste modelo.

Para este estudo, estas duas abordagens teóricas foram integradas, uma vez que não consideramos provável as pessoas criarem uma intenção para aceitarem uma experiência sexual não desejada a não ser em condições muito específicas (como por exemplo nalgumas situações de trabalho sexual). O “novo” modelo propõe, assim, que as atitudes, normas subjetivas e percepção de controlo influenciam a disponibilidade para ter o comportamento, a qual é o determinante principal do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada (Figura 2). Relativamente à percepção de controlo, assumimos que quando se sente maior controlo sobre poder ou não “aceitar” a experiência

sexual não desejada, a disponibilidade será menor. Isto porque o comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada é algo tido como negativo exatamente porque a experiência não é desejada.

## Figura 2

*Modelo adaptado com base na TCP de Ajzen (1991) e no MDP de Gerrard e colaboradores (2008)*



## Objetivos do estudo

Esta investigação teve quatro principais objetivos. Primeiramente, explorar a prevalência da agressão sexual em contexto português e os tipos de agressão sexual sofridos por mulheres estudantes universitárias. Em segundo lugar, compreender as razões para que estas mulheres “aceitem” experiências sexuais não desejadas – que se enquadrem na categoria de agressões sexuais. Foi também objetivo deste estudo explorar se os diversos tipos de agressão sexual são percebidos como agressões sexuais pelas participantes. E, por último, compreender os fatores psicológicos, psicossociais individuais e contextuais preditores da “aceitação” de experiências sexuais não desejadas.

Com base no modelo utilizado para prever o comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, foram colocadas três hipóteses:

1. as atitudes e as normas subjetivas serão preditoras pela positiva da disponibilidade para “aceitar” a experiência sexual não desejada.

2. a percepção de controle será preditora pela negativa da disponibilidade para “aceitar” a experiência sexual não desejada.

3. a disponibilidade será a principal variável preditora do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada.

## **Método**

### **Participantes**

A presente investigação envolveu 278 participações, as quais após a verificação dos critérios de inclusão e exclusão ficou com um total de 165 participantes, todas estudantes universitárias do sexo feminino e com idade igual ou superior a 18 anos ( $M=22.75$ ,  $DP=3.79$ ) (Quadro 5). No entanto, para a análise da segunda parte apenas 145 participantes preencheram o critério de exclusão. Esta amostra foi recolhida por conveniência.

### **Design do Estudo**

Tratou-se de um estudo exploratório e explicativo transversal com metodologia mista.

### **Instrumento**

Para este estudo foi criado um questionário (Anexo 1), o qual se dividiu em três partes distintas. Uma das partes foi composta por uma secção de questões sociodemográficas, a qual inquiriu as participantes a cerca do seu género, idade, orientação sexual, área de educação e formação académica e ano académico.

Uma outra parte teve como objetivo apurar os tipos de experiências sexuais não desejadas vividos pelas participantes, a variável dependente em estudo. As experiências sexuais não desejadas consideradas agressões sexuais foram as seguintes: (i) Atenção de Cariz Sexual Indesejada: Qualquer tipo de atenção sexual verbal ou não verbal indesejada (e.g., assédio sexual, perseguição ou assédio persistente [*stalking*], telefonemas obscenos, etc.), excluído o toque; (ii) Toque de Cariz Sexual Indesejado: Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração sexual; (iii)

Coação sexual: Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual; (iv) Abuso sexual: Interações de cariz sexual em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhadora ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos; (v) *Stealthing*: Remoção secreta/furtiva do preservativo por um parceiro (geralmente homem) durante a relação sexual sem o conhecimento ou permissão da outra pessoa, a qual produz sexo não consensual sem proteção; (vi) Tentativa de Violação: Tentativa de penetração oral, anal ou vaginal não consensual por parte de outra pessoa com uma parte do corpo ou um objeto, utilizando a força ou ameaças de danos corporais ou tirando partido da incapacidade da pessoa de dar ou negar o seu consentimento sem que se efetue a tentativa; (vii) Violação: Penetração oral, anal ou vaginal não consensual por parte de outra pessoa com uma parte do corpo ou um objeto, utilizando a força ou ameaças de danos corporais ou tirando partido da incapacidade do indivíduo de dar ou negar o seu consentimento. Estas situações foram cotadas como presença/ausência, variando entre 0 no caso de nenhuma destas experiências ter ocorrido e 7 caso todas as experiências tenham ocorrido. Nesta secção, para cada tipo de experiência afirmada como vivida foram colocadas questões acerca do contexto relacional, do comportamento que foi adotado perante a situação (disse “não” ou “pára”; gritei ou berrei; lutei fisicamente para me defender; fugi; argumentei/implorei/negocieei; afastei/empurrei; ignorei/fingi que estava a dormir; chorei; congelei/fiquei em choque/paralisei; “cedi” ou “aceitei”) (Edwards et al., 2014) e, caso o comportamento tenha continuado, as razões para tal (senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada; a pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada; a pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada; tinha

ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes; estava inconsciente; sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada; tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada; quis evitar tensão na relação na relação; quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim; continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade; senti necessidade de satisfazer a pessoa; senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo; não queria magoar os sentimentos da pessoa; a pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada; não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a; senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada; a pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada; queria evitar uma discussão com a pessoa; achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada; quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim; tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada) (Burkett & Hamilton, 2012; Conroy et al., 2015; Edwards et al., 2014; Humphreys & Kennett, 2011; Walker, 1997).

Por último, o sexo e género da pessoa com quem viveu a situação. Foi ainda questionado para cada experiência sexual não desejada, se a participante considerou ou não a experiência efetivamente como uma agressão sexual.

A última parte do questionário teve como objetivo, com base num modelo que combina a Teoria do Comportamento Planeado (TCP) (Ajzen, 1991) e o Modelo da Disponibilidade e Protótipo (MDP) (Gerrard et al., 2008), compreender os preditores psicológicos do comportamento de aceitação destas experiências sexuais não desejadas, nomeadamente, as atitudes, as normas subjectivas, a perceção de controlo e a

disponibilidade. O comportamento propriamente dito foi avaliado na parte anterior do questionário em termos de frequência de aceitação das diversas experiências sexuais não desejadas.

No que diz respeito aos itens que mensuraram as atitudes, as normas subjetivas e a percepção de controle, estes foram direcionados para três experiências sexuais não desejadas – Toque de Cariz Sexual Indesejado, Coação Sexual e Abuso.

Relativamente às atitudes, foram utilizadas três escalas para cada tipo de experiência sexual não desejada face à atitude de “aceitar” estas mesmas experiências. A escala de resposta variou entre 1 (indicador de atitude menos positiva face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas) e 5 (indicador de atitude mais positiva face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas), sendo estas “1 – Parece-me ser muito prejudicial” a “5 – Parece-me ser muito benéfico”, “1 – Não é nada excitante” a “5 – É muito excitante” e “1 – É muito desagradável” a “5 – É muito agradável”. Sendo que os valores totais da variável podem variar entre 3 e 15.

No que respeita as normas subjetivas, a avaliação envolveu quatro itens, também estes a variar de 1 (indicador de uma norma subjetiva menos positiva face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas) a 5 (indicador de uma norma subjetiva mais positiva face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas). Dois destes itens foram relativos às normas injuntivas (ações aprovadas ou desaprovadas pelas outras pessoas numa cultura ou contexto social) “1 – Toda a gente desaprovava” a “5 – Toda a gente aprovaria” e “1 – Toda a gente acharia errado” a “5 – Toda a gente acharia correto” – e dois outros itens relativos às normas descritivas (a percepção relativa a como a maioria das pessoas se comporta) – “1 – Ninguém aceitaria” a “5 – Todas aceitariam” e “1 – Não achariam nada

excitante” a “5 – Achariam muito excitante”. Esta variável pode obter valores totais a variar entre 4 e 20.

No que concerne à percepção de controlo foram utilizados três itens, os quais foram avaliados entre 1 (indicador de uma baixa percepção de controlo face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas) e 5 (indicador de uma elevada percepção de controlo face a “aceitar” as experiências sexuais não desejadas). Estes itens exprimem quanto as participantes se sentem em controlo de “aceitar” cada uma das experiências sexuais não desejadas, sendo estes, “1 – Não conseguia evitar a situação” a “5 – Conseguia evitar a situação”, “1 – Não tenho poder de decisão” a “5 – Tenho todo o poder de decisão” e “1 – Não depende nada de mim” a “5 – Depende completamente de mim”. Variável esta com valores totais a variar entre 3 e 15.

No respeitante à disponibilidade, o grau de disponibilidade para “aceitar” uma experiência sexual não desejada envolvendo toque de cariz sexual indesejado, coação sexual e abuso sexual, foi avaliado com um item que variava entre “1 – Não estaria de todo disponível para continuar” a “5 – Estaria totalmente disponível para continuar” a experiência, sendo 1 indicador de uma baixa disponibilidade para “aceitar” continuar a experiência sexual não desejada caso uma dessas situações ocorresse e 5 indicador de uma elevada disponibilidade para “aceitar” continuar a experiência sexual caso uma dessas situações ocorresse. Os valores totais para a disponibilidade podem variar entre 1 e 5. Para além desse item, foram criados oito cenários com base nas razões que as participantes poderiam apresentar para “aceitar” uma experiência sexual não desejada (e.g., “Imagine-se numa situação em que a outra pessoa a pressione verbalmente para uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?”, “O quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja para proteger os sentimentos do outro?” e

“Imagine-se numa situação em que sente que as pessoas próximas de si ficariam com uma má impressão sua ou ficariam dececionadas consigo por recusar uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?”), devendo-se posicionar na escala “1 – Não continuava a experiência de todo” a “5 – Com certeza que continuava a experiência”.

Relativamente ao comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, cada participante respondeu se a experiência sexual não desejada ocorreu. Esta questão foi colocada para todos os tipos de agressão sexual, mas, para o estudo do modelo (combinação da TCP e no MDP) apenas se averiguou o Toque de Cariz Sexual Indesejado, a Coação Sexual e o Abuso Sexual. O comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada variou entre 0 caso nenhuma experiência tivesse sido aceite e 3 caso todas as experiências tivessem sido aceites.

Por último, foram criadas duas questões de verificação, de forma a detetar se o questionário era respondido com atenção. A primeira encontrava-se na última secção do questionário e era uma repetição da primeira questão relativa às atitudes – Considero que “aceitar” um Toque de Cariz Sexual Indesejado (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)...” - , na qual se pedia que a participante seleccionasse uma resposta específica (“Por favor, selecione a resposta “Parece-me totalmente correto” à questão que se segue. Isto não é uma pergunta com rasteira). Já a segunda questão surgia no final do questionário, na qual se pedia à participante que classificasse a sua atenção ao longo de todo o questionário de “1 – Não estive nada atenta” a “4 – Estive completamente atenta”.

## **Procedimento**

A angariação de participantes foi realizada por meio da divulgação do estudo e respetivo *link* para o questionário, através de redes pessoais e sociais (*Instagram* e *Facebook*), bem como por estudantes da Unidade Curricular de Introdução à Sexualidade Humana da FPUL. Os dados providenciados pelas participantes foram recolhidos online através da plataforma *Qualtrix*. Após parecer favorável por parte da Comissão de Ética e Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, foi realizado o pré-teste do estudo com duas voluntárias de forma a verificar se as questões eram claras, explícitas e se haveria algum lapso ou aspecto técnico ou estético a retificar no questionário. Após pequenos ajustes, o estudo foi partilhado nos termos referidos.

O questionário foi respondido apenas uma vez por cada participante e incluiu um primeiro segmento de consentimento informado (Anexo 2), o qual deveria ser lido e aceite de forma a continuar a participação voluntariamente e sem comprometimento de o terminar, podendo desistir a qualquer momento.

De salientar que o anonimato foi garantido, não tendo sido recolhido o endereço de internet (IP) sendo este um estudo não passível de qualquer identificação das participantes. De forma a minimizar o risco de coerção, a investigação foi divulgada sem qualquer alvo explícito relativo a qualquer grupo mais vulnerável. Os questionários foram eliminados após a análise dos dados. Ainda, por o assunto abordado neste estudo constituir um tema sensível, foi disponibilizado o contacto da orientadora deste estudo para o caso das participantes necessitarem de informações suplementares e disponibilizada informação sobre sítios na Internet onde poderiam consultar locais disponíveis para o acompanhamento psicológico.

A duração do preenchimento do questionário foi estabelecida como  $\approx 10$  a 20 minutos dependente das experiências pessoais de cada uma das participantes. O *link* para o

questionário disponível na plataforma *Qualtrix* esteve ativo para recolha de dados entre o dia 3 de Fevereiro e 10 de Julho de 2023.

### **Procedimentos de Análise**

Para a inclusão das participantes no estudo foi considerado necessário a resposta a 90% de cada parte do questionário – parte exploratória do estudo e análise de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada. Quanto às questões de verificação presentes no questionário, estas não foram tidas em consideração como critérios de exclusão. Quanto à primeira questão, acreditamos que, por termos solicitado uma resposta que vai contra as atitudes das participantes, as respostas dadas possam não informar sobre a real atenção das mesmas. No que concerne à segunda questão de verificação, apenas duas participantes afirmaram estar pouco atentas, pelo que não as excluimos por não afetarem os resultados.

Procedeu-se a uma análise descritiva dos dados sociodemográficos através do software de análise estatística SPSS (versão 27). Primeiramente, analisou-se a frequência de experiências sexuais não desejadas e do contexto relacional em que estas ocorreram, do comportamento adotado pelas participantes, da “aceitação” das experiências e das razões para tal, do sexo e género das pessoas com quem a experiência sexual não desejada ocorreu e da perceção destas experiências como agressões sexuais. Ainda, foi analisada a disponibilidade das participantes para “aceitar” continuar uma experiência sexual não desejada nos vários cenários. Num segundo momento, o modelo de predição do comportamento de “aceitação” de experiências sexuais não desejadas, para o qual se selecionaram três comportamentos – Toque de Cariz Sexual Indesejado, Coação Sexual e Abuso Sexual – foi alvo de análise, através das atitudes, normas subjetivas, perceção de

controle, disponibilidade e comportamento. Essa análise foi realizada através de regressões lineares múltiplas e do modelo de equações estruturais (com recurso ao AMOS) – *path analysis* -, de forma a averiguar a relação entre estas variáveis e a variável dependente – o comportamento de “aceitação “de experiências sexuais não desejadas. Para a análise do modelo proposto utilizou-se um modelo de estimativa de probabilidades máxima e o ajustamento foi avaliado através de  $\chi^2$ ,  $\chi^2/gl$ , índices de ajustamento comparativo CFI e TLI e índice de ajustamento absoluto RMSEA. Um bom nível de ajustamento requer  $\chi^2/gl \leq 2$ , CFI e TLI  $\leq .90$  e RMSEA  $\leq .08$  (Tabachnick & Fidell, 2001).

## Resultados

### Análise Descritiva

As estudantes universitárias apresentaram idades compreendidas entre os 18 e 52 anos, sendo que a maioria tinha entre 20 e 24 anos de idade ( $M=22.75$ ,  $DP=3.79$ ). Todas eram do sexo feminino (critério de seleção) e quanto à identidade de género, 95.8% era cisgénero. Relativamente à orientação sexual, 80.6% das participantes era heterossexual, 15.2% bissexual, 2.4% pansexual, 1.2% gay/lésbica e 0.6% assexual. No que respeita a área de educação e formação, cerca de metade da amostra (54.5%) encontrou-se nas áreas das ciências sociais e do comportamento e da saúde, com maior destaque para primeira (Quadro 1).

### Quadro 1

#### *Características sociodemográficas da amostra*

Idade	Género	Orientação sexual	Área de educação e formação	Ano académico					
n	n	n	n	n					
18	1	Cisgénero	158	Heterossexual	133	Artes	6	1º ano do 1º ciclo de estudos	7
19	6	Não-Binário	3	Homossexual	2	Humanidade	3	2º ano do 1º ciclo de estudos	23
20	19	Outro	4	Bissexual	25	Ciências Sociais e do Comportamento	60	3º ano do 1º ciclo de estudos	34
21	27			Pansexual	4	Informação e Jornalismo	2	4º ano do 1º ciclo de estudos	7
22	43			Assexual	1	Ciências Empresariais	10	1º ano do 2º ciclo de estudos	22
23	36					Direito	10	2º ano do 2º ciclo de estudos	57
24	13					Ciências da Vida	5	1º ano do 3º ciclo de estudos	2
25	6					Ciências Físicas	4	2º ano do 3º ciclo de estudos	2

26	6		Matemática e estatística	7	3º ano do 3º ciclo de estudos	5
27	2		Engenharia e Técnicas Afins	7	4º ano do 3º ciclo de estudos	6
29	1		Arquitetura e Construção	8		
30	1		Ciências Veterinárias	1		
35	1		Saúde	30		
37	1		Serviços Sociais	2		
46	1		Desconhecido ou não especificado	10		
52	1					
<i>N</i>	165	165	165	165		165

Quanto à prevalência dos vários tipos de agressão, verificou-se que 80,6% das participantes sofreu pelo menos um tipo de agressão sexual. A maior percentagem de vitimização correspondeu à atenção de cariz sexual indesejada, seguida de toque de cariz sexual indesejado, coação sexual, abuso sexual, tentativa de violação e *stealth* e violação com a mesma percentagem (Quadro 2). O tipo de agressão sexual que foi mais considerado como uma agressão sexual foi a tentativa de violação, seguida da violação, toque de cariz sexual indesejado, coação sexual, abuso sexual, *stealth* e atenção de cariz sexual indesejada (Quadro 2).

## Quadro 2

*Agressões sexuais e percentagem das participantes vítimas destas agressões que as considera agressões sexuais*

Agressão Sexual	Atenção de cariz sexual indesejada	Toque de cariz sexual indesejado	Coação sexual	Abuso sexual	<i>Stealth</i>	Tentativa de violação	Violação
Participantes que sofreram agressão (%)	64.2	52.4	21.2	20.6	6.7	7.3	6.7
<i>N</i>	165	165	165	165	165	165	165
Participantes que consideraram estas situações como agressão (%)	63.2	78.2	71.4	64.7	63.6	83.3	81.8
<i>N</i>	106	87	35	34	11	12	11

A maioria das participantes que foi vítima de uma situação de atenção de cariz sexual indesejada ou de toque de cariz sexual indesejada, não tinha qualquer tipo de relação com o agressor. Quanto às vítimas de coação sexual, abuso sexual e *stealth*, a maioria das participantes encontrava-se solteira, numa relação exclusiva com o agressor. No que concerne à tentativa de violação e violação, a maior parte das estudantes encontrava-se solteira, sem relação exclusiva com o agressor. Quanto ao sexo e género do agressor, em todos os tipos de agressão, as participantes caracterizaram-nos, maioritariamente, como sendo do sexo masculino e cisgénero (Quadro 3).

### Quadro 3

*Contexto relacional das participantes, sexo e género do agressor*

Agressão Sexual		Atenção de cariz sexual indesejada	Toque de cariz sexual indesejado	Coação sexual	Abuso sexual	<i>Stealth</i>	Tentativa de violação	Violação
Contexto relacional (%)	Solteira, sem relação exclusiva	25.5	25.3	31.4	11.8	36.4	41.7	45.5
	Solteira, numa relação exclusiva	17	19.5	48.6	58.8	45.5	8.3	18.2
	A viver com a pessoa	.9	1.1	-	8.8	-	8.3	-
	Não tinha qualquer tipo de relação	53.8	50.6	20.0	14.7	18.2	33.3	27.3
	Outro	2.8	3.4	-	5.9	-	8.3	9.1
Sexo do agressor (%)	Masculino	99.1	96.6	97.1	100	100	100	100
	Feminino	.9	3.4	2.9	-	-	-	-
Género do agressor (%)	Cisgénero	96.2	97.7	100	100	100	100	100
	Não-binário	-	1.1	-	-	-	-	-
	Outro	3.2	1.1	-	-	-	-	-
<i>N</i>		106	87	35	34	11	12	11

Quanto aos comportamentos adotados pelas participantes aquando da agressão sexual, o comportamento mais adotado foi dizer “não” ou “para”, o qual apresentou percentagens elevadas em todos os tipos de agressão. Por outro lado, o comportamento com menor percentagem foi lutar fisicamente para se defender.

No caso da atenção de cariz sexual indesejado, ter ignorado/fingido que estava a dormir também apresentou uma percentagem relevante. No que disse respeito ao toque de cariz sexual, o comportamento de afastar/empurrar também se destacou. Ter argumentado/implorado/negociado apresentou maiores percentagens nos casos de abuso sexual e *stealth*. Quanto ao abuso sexual, chorar também foi um dos comportamentos mais adotados. As vítimas de coação, *stealth*, tentativa de violação e violação foram aquelas onde mais se destacou ter “cedido” ou “aceitado” a agressão sexual. Por fim, embora a maior parte das vítimas de violação tenha afirmado ter “cedido” ou “aceitado” a agressão sexual, o comportamento de ter congelado/ficado em choque/paralisada também apresentou uma percentagem elevada (Quadro 4).

#### Quadro 4

##### *Comportamentos adotados perante a situação de agressão sexual*

Agressão Sexual		Atençã o de cariz sexual indesej ada	Toque de cariz sexual indesej ado	Coação sexual	Abuso sexual	<i>Stealt hing</i>	Tentat iva de violaç ão	Viola ção	Total Comp ortam entos
Comportam entos adotados (%)	Disse “não” ou “44ara”	38.7	43.7	40.0	44.1	45.5	66.7	36.4	42.2
	Gritei	6.6	1.2	2.3	26.5	18.2	8.3	9.1	10.8
	Lutei	0.9	1.2	2.3	8.8	-	8.3	-	5.7
	fisicamente para me defender								
	Fugi	17.0	9.2	5.7	2.9	-	-	-	9.8
	Argumentei/imp lorei/negociei	8.5	9.2	31.4	44.1	36.4	16.7	9.1	16.9
Afastei/empurrei	18.9	43.7	22.9	26.5	27.3	25	18.2	28.0	

Ignorei/fingi que estava a dormir	34.9	9.2	8.6	-	-	8.3	-	16.6
Chorei	2.8	8.1	14.3	44.1	9.1	16.7	18.2	11.8
Congelei/fiquei em choque/paralisei	18.9	13.8	11.4	17.7	18.2	25	36.4	17.2
“Cedi” ou “aceitei”	17.0	20.7	60	17.7	45.5	41.7	63.6	27.0
<i>N</i>	106	87	35	34	11	12	11	296

Quanto ao facto da experiência sexual não desejada ter continuado, o tipo de agressão que mais foi reportado foi a atenção de cariz sexual indesejada, seguida da coação sexual, violação, abuso sexual, tentativa de violação, toque de cariz sexual indesejado e por último *stealth*. A nível de prevalência, 67,3% das participantes afirmou que pelo menos um dos tipos de agressão sexual de que foi vítima continuou. Relativamente às razões que levaram as participantes a continuarem a experiência sexual não desejada, no caso da atenção de cariz sexual indesejada, as razões mais reportadas foram: sentir-se obrigada e sentir-se culpada caso não continuasse. Quanto ao toque de cariz sexual indesejado, mais de 50% das vítimas reportou ter-se sentido obrigada, sendo também comum o agressor ter pressionado verbalmente, a vítima sentir-se culpada e o agressor fisicamente não deixar terminar a experiência sexual não desejada. No que disse respeito à coação sexual, 50% ou mais das participantes apresentou como razões sentir-se obrigada, o agressor ter pressionado verbalmente e sentir-se culpada. Ainda, com frequência apareceram razões como o agressor ter implorado, querer evitar tensão na relação e querer evitar uma discussão neste tipo de agressão. No caso do abuso sexual, as razões mais frequentes foram sentir-se obrigada, o agressor ter pressionado verbalmente, querer evitar tensão na relação, não magoar os sentimentos do outro e querer evitar uma discussão. No caso da situação de *stealth* continuar, as estudantes universitárias afirmaram mais frequentemente como razões sentirem-se obrigadas, terem ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes e o

agressor fisicamente não as deixar terminar a experiência sexual não desejada. No caso da tentativa de violação, 50% das participantes afirmou ter tido medo de sofrer algum tipo de violência física. Razões como sentir-se obrigada, o agressor ter pressionado verbalmente, o agressor ter implorado, ter ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes, sentir-se culpada, o agressor fisicamente não ter deixado terminar a experiência sexual não desejada e evitar uma discussão também foram mais reportadas. Por último, no caso da violação, 50% das vítimas apresentou como razão sentir-se obrigada e o agressor fisicamente não ter deixado terminar a experiência sexual não desejada. Sentir-se culpada também foi uma das razões mais apresentadas. Razões menos invocadas no geral (<20%) foram estar inconsciente, querer promover intimidade, ter sido convencida de forma não agressiva e corresponder às expectativas de pessoas próximas (Quadro 5).

### Quadro 5

*Percentagem de agressões sofridas e que continuaram. Razões para tal*

Agressão sexual		Atenção de cariz sexual indesejada	Toque de cariz sexual indesejado	Coação sexual	Abuso sexual	Stealth ing	Tentativa de violação	Violação
Agressão sofrida		106	87	35	34	11	12	11
A experiência sexual não desejada continuou		75.5%	32.1%	68.5%	52.9%	54.5%	66.7%	90.9%
Razões pela quais a experiência sexual não desejada continuou (%)	Senti-me obrigada	12.5	57.1	50.0	44.4	33.3	25.5	50.0
	A pessoa pressionou-me verbalmente	7.5	42.9	54.2	38.9	-	25.5	30.0
	A pessoa implorou-me	8.8	25.0	45.8	11.1	-	25.5	30.0
	Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes	3.8	14.3	20.8	5.6	33.3	25.5	20.0

Estava inconsciente	-	-	4.2	5.6	16.7	12.5	10.0
Sentia-me culpada caso não continuasse	13.8	39.3	54.2	16.7	16.7	25.5	40.0
Tive receio da pessoa me deixar	5.0	17.9	33.3	22.2	-	12.5	30.0
Quis evitar tensão na relação	8.8	25.0	41.7	44.4	-	-	10.0
Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim	8.8	17.9	33.3	33.3	16.7	12.5	30.0
Para promover intimidade	1.3	3.6	8.3	16.7	-	-	-
Senti necessidade de satisfazer a pessoa	6.3	25.0	33.3	27.8	-	-	30.0
Senti que não era correto terminar porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo	5.0	17.9	20.8	11.1	16.7	12.5	30.0
Não queria magoar os sentimentos da pessoa	5.0	17.9	20.8	33.3	-	-	20.0
A pessoa fisicamente não me deixou terminar	6.3	35.7	12.5	22.4	33.3	25.5	50.0
Não queria que a pessoa se sentisse rejeitada	7.5	14.3	16.7	27.8	-	12.5	20.0
Senti que a pessoa ia gostar mais de mim	3.8	14.3	20.8	11.1	16.7	12.5	10.0
A pessoa convenceu-me de forma não agressiva	7.5	10.7	16.7	5.6	16.7	-	10.0

Queria evitar uma discussão com a pessoa	7.5	17.9	37.5	38.9	-	25.5	20.0
Achei que era socialmente suposto	6.3	17.9	20.8	11.1	16.7	12.5	10.0
Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim	2.5	-	16.7	16.7	16.7	-	10.0
Tive medo de sofrer algum tipo de violência física	2.5	17.9	20.8	5.6	-	50.0	30.0
<i>N</i>	80	28	24	18	6	8	10

Foram apresentados cenários às participantes de forma a estas avaliarem quão disponíveis estariam para “aceitar” continuar com a experiência sexual não desejada. Os resultados mostraram que, em todos os cenários, as estudantes universitárias, na sua maioria, não estariam de todo disponíveis para “aceitar” continuar com a experiência. Os cenários cujas percentagens face a “Não estaria de todo disponível” foram inferiores a 50%, ou seja, nos quais as participantes pareceram estar relativamente mais disponíveis para “aceitar” continuar com a experiência sexual não desejada foram as situações em que se encontravam física ou psicologicamente alteradas (sob o efeito de substâncias como álcool ou drogas); situações em que se sentiam no dever de corresponder às expectativas do outro; situações em que sentiam que a estabilidade da relação podia ser afetada caso não “aceitassem” a experiência sexual que não desejavam (Quadro 6).

**Quadro 6**  
*Disponibilidade em vários cenários*

Disponibilidade para “aceitar” continuar com a experiência sexual não desejada N = 140		Não estaria de todo disponível para continuar		Talvez não estivesse disponível para continuar		Não sei se estaria disponível para continuar		Talvez estivesse disponível para continuar		Estaria totalmente disponível para continuar	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Cenários	1. “Imagine-se numa situação em que a outra pessoa a pressione verbalmente para uma experiência sexual que não deseja.”	99	71.2	23	16.5	11	7.9	5	3.6	1	.7
	2. “Imagine-se numa situação em que se encontra física ou psicologicamente alterada (sob o efeito de substâncias como álcool ou drogas).”	66	47.1	30	21.4	31	22.1	11	7.9	2	1.4
	3. “Imagine-se numa situação em que sente o dever de corresponder às expectativas do outro.”	58	41.4	25	17.9	24	17.1	31	22.1	2	1.4
	4. “Imagine-se numa situação em que sente que a estabilidade da sua relação (seja esta casual, regular ou outra) pode	57	40.7	20	14.3	20	14.3	39	27.9	4	2.9

	ser afetada caso não aceite uma experiência sexual que não deseja.”										
5.	“O quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja para proteger os sentimentos do outro?”	71	50.7	25	17.9	23	16.4	18	12.9	3	2.1
6.	“O quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja com o objetivo da outra pessoa gostar mais de si?”	77	55.0	29	20.7	20	14.3	9	6.4	5	3.6
7.	“Imagine-se numa situação em que a outra pessoa a pressione fisicamente para uma experiência sexual que não deseja.”	104	74.3	21	15.0	9	6.4	5	3.6	1	.7
8.	“Imagine-se numa situação em que sente que as pessoas próximas de si ficariam com uma má impressão sua ou ficariam decepcionadas	109	78.4	12	8.6	11	7.9	5	3.6	2	1.4

---

consigo por recusar uma experiência sexual que não deseja.”

---

*Nota.* No cenário 1 e 8,  $N= 139$

## **Correlações**

No que respeita ao toque de cariz sexual indesejado, todas as variáveis apresentaram correlações significativas à exceção das normas descritivas e da perceção de controlo com o comportamento e as atitudes com a perceção de controlo. Ainda, todas as correlações significativas foram positivas com exceção da perceção de controlo com as normas injuntivas e com as normas descritivas (Quadro 7).

Quanto às médias das variáveis (Quadro 7), estas apontaram para que a maioria das participantes não “aceitasse” uma situação de toque de cariz sexual indesejado e 11% mostrou aceitar. Ainda, a média das respostas no que concerne às atitudes face a esta “aceitação” apontou para que a maioria das participantes tivesse uma atitude negativa face a “aceitar” esta experiência sexual não desejada. Quanto às normas injuntivas, a maioria das participantes considerou que a algumas pessoas desaprovavam este comportamento. No que concerne às normas descritivas, a média das respostas apontou para a crença que poucas pessoas “aceitariam” uma situação de toque de cariz sexual indesejado. No que respeita à perceção de controlo, a maioria das jovens mostrou não saber se tinha poder de decisão na “aceitação” desta experiência. Por último, quanto à disponibilidade para “aceitar” uma situação de toque de cariz sexual indesejado, a média apontou para que a maioria das jovens estudantes universitárias talvez não estivesse disponível para “aceitar” esta situação.

### Quadro 7

*Médias, desvio padrão e correlações entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – toque de cariz sexual indesejado (N = 145)*

Variável	1	2	3	4	5	6	M	DP
1. Comportamento	-						.110	.314
2. Atitudes	.268***	-					1.253	.519
3. Normas injuntivas	.207**	.316***	-				1.966	.914
4. Normas Descritivas	.134	.506***	.333***	-			1.538	.722
5. Percepção de Controlo	-.059	-.105	-.207**	-.194*	-		3.255	1.021
6. Disponibilidade	.173*	.540***	.300***	.281***	-.033	-	1.380	.873

\* $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ .

*Nota.* O comportamento pôde variar entre 0 e 1, sendo os valores mais baixos indicadores de menor aceitação das experiências sexuais não desejadas. Os restantes constructos foram respondidos numa escala de 1 a 5 sendo os valores mais baixos da escala indicadores de opiniões menos positivas ou baixa percepção de controlo quanto a aceitar experiências sexuais não desejadas.

Relativamente à coação sexual, nenhuma variável apresentou correlações significativas com o comportamento, com exceção da disponibilidade e das normas descritivas. Ainda, as normas injuntivas e a percepção de controlo não apresentaram uma correlação significativa. As restantes variáveis apresentaram correlações muito significativas entre si, sendo as correlações da percepção de controlo com todas as outras variáveis as menos elevadas (Quadro 8).

As médias das variáveis (Quadro 8), apontaram para que, mais uma vez, a maioria das participantes não “aceitasse” uma situação de coação sexual, sendo que 14% disse “aceitar” uma situação destas. Ainda, a média das respostas no que concerne às atitudes, normas descritivas e disponibilidade face a esta “aceitação” apontou para que a maioria das participantes tivesse uma atitude mais negativa face a “aceitar” esta experiência, considerasse que ninguém “aceitaria” uma situação de coação sexual e que a maioria das jovens estudantes universitárias não estaria de todo disponível para “aceitar” esta situação. Quanto às normas injuntivas, as participantes apresentaram uma média que se situa entre a crença de que toda a gente desaprovava o comportamento e de que algumas pessoas desaprovavam este comportamento. Por outro lado, no que concerne à perceção de controlo, as estudantes universitárias mostraram não saber se conseguiriam evitar a situação.

### Quadro 8

*Correlação entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – coação sexual (N = 145)*

Variável	1	2	3	4	5	6	M	DP
1. Comportamento	-						.140	.353
2. Atitudes	.158	-					1.087	.393
3. Normas injuntivas	.143	.279**	-				1.562	.784
4. Normas Descritivas	.208*	.546**	.400**	-			1.290	.513
5. Perceção de Controlo	-.134	-.181*	-.091	-.199*	-		3.198	1.100

6. Disponibilidade	.299**	.703**	.343**	.574**	.182*	-	1.090	.407
--------------------	--------	--------	--------	--------	-------	---	-------	------

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .001$ .

Na situação de abuso sexual, todas as variáveis apresentaram correlações muito significativas entre si, com exceção da percepção de controlo que não se correlacionou com qualquer variável (Quadro 9).

Numa situação de abuso sexual, as médias das variáveis, apontaram para que, a grande maioria das participantes não “aceitasse” uma situação de abuso sexual, sendo que 4% disse ter “aceitado” esta situação. A média das respostas no que concerne às atitudes, normas injuntivas, normas descritivas e disponibilidade face à “aceitação” de uma situação de abuso sexual apontou para que a maioria das participantes tivesse uma atitude mais negativa face a “aceitar” esta experiência sexual não desejada, considerasse que toda a gente acharia errado “aceitar” uma situação de abuso sexual, que ninguém “aceitaria” e que a maioria das jovens estudantes universitárias não estaria de todo disponível para “aceitar” esta situação. No que diz respeito à percepção de controlo, as estudantes universitárias mostraram não saber se conseguiam evitar a situação de abuso sexual (Quadro 9).

### Quadro 9

*Correlação entre variáveis latentes para o comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – abuso sexual (N = 145)*

Variável	1	2	3	4	5	6	M	DP
1. Comportamento	-						.040	.200
2. Atitudes	.348*	-					1.056	.364
3. Normas	.339*	.313*	-				1.441	.754

injuntivas									
4.	Normas	.392*	.535*	.424*	-	1.221	.503		
Descritivas									
5.	Perceção de	-.048	-.132	-.019	-.147	-	3.044	1.166	
Controlo									
6.	Disponibilidade	.580*	.650*	.394*	.703*	-.098	-	1.080	.449

\* $p < .001$ .

### **Análise de Regressão e Modelo de Equações Estruturais**

O modelo de regressão linear múltipla da disponibilidade para “aceitar” o toque de cariz sexual indesejado, em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas e da perceção de controlo mostrou-se estatisticamente significativo  $F(4,140) = 15.96$ ,  $R^2 = .294$ ,  $\rho < .001$ . As variáveis preditoras da disponibilidade explicaram 29.4% desta variável. Contudo, a análise dos coeficientes de regressão e da sua significância estatística mostrou que, dos preditores considerados, apenas as normas injuntivas e as atitudes predisseram a disponibilidade para “aceitar” o toque de cariz sexual não desejado, sendo as atitudes o melhor preditor (Quadro 10).

Relativamente ao modelo de regressão linear múltipla do comportamento de “aceitar” o toque de cariz sexual indesejado, em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas, da perceção de controlo e da disponibilidade este mostrou-se estatisticamente significativo  $F(5,139) = 2.73$ ,  $R^2 = .057$ ,  $\rho = .022$ . As variáveis consideradas como preditoras do comportamento explicaram 5.7% do comportamento e as atitudes foram o único preditor de “aceitar” o toque de cariz sexual indesejado (Quadro 10).

### Quadro 10

*Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – toque de cariz sexual indesejado (N = 145)*

VD	Disponibilidade					Comportamento				
	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão
Constante	-	-2.66	.791	-.081	.306	-	-1.02	.308	-	.127
Atitudes	.504	6.107	.001	.849	.139	.233	2.17	.032	.141	.065
Normas Injuntivas	.157	2.051	.042	.150	.073	.138	1.54	.127	.047	.031
Normas Descritivas	-	-.202	.840	-.020	.101	-	-.37	.710	-	.042
Perceção de Controlo	.050	.688	.492	.043	.062	-	-.15	.877	-	.026
Disponibilidade	-	-	-	-	-	.016	.16	.871	.006	.035

Quanto à disponibilidade para “aceitar” uma situação de coação sexual, o modelo de regressão linear múltipla, em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas e da perceção de controlo mostrou-se estatisticamente significativo  $F(4,140) = 43.54$ ,  $R^2 = .542$   $\rho < .001$ . As variáveis predictoras da disponibilidade explicaram 54.2% desta variável. A análise dos coeficientes de regressão e da sua significância estatística mostrou que, dos preditores considerados, as atitudes e as normas descritiva foram as variáveis que melhor predisseram a disponibilidade para “aceitar” uma situação de coação sexual (Quadro 11).

No que respeita o comportamento de “aceitar” uma situação de coação sexual, o modelo de regressão linear múltipla do mesmo em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas, da perceção de controlo e da disponibilidade mostrou-se

estatisticamente significativo  $F(5,139) = 3.30$ ,  $R^2 = .074$ ,  $\rho = .008$ . As variáveis consideradas como preditoras do comportamento explicaram 7.4% do comportamento e o preditor significativo de “aceitar” uma situação de coação sexual foi a disponibilidade (Quadro 11).

### Quadro 11

*Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – coação sexual (N = 145)*

VD	Disponibilidade					Comportamento					
	VI	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão
Constante	-	1.743	.083	.197	.113	-	-2.34	.816	-	.033	.141
Atitudes	.544	8.027	.001	.564	.070	-	-	.265	-	.105	.105
Normas Injuntivas	.095	1.535	.127	.049	.032	.035	.398	.692	.016	.040	.040
Normas Descritivas	.233	3.271	.001	.185	.057	.060	.568	.571	.041	.072	.072
Percepção de Controle	-	-5.00	.618	-	.021	-	-	.319	-	.026	.026
Disponibilidade	-	-	-	-	-	.329	2.742	.007	.286	.104	.104

Quanto ao modelo de regressão linear múltipla da disponibilidade para “aceitar” uma situação de abuso sexual, em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas e da percepção de controle, este mostrou-se estatisticamente significativo  $F(4,140) = 53.499$ ,  $R^2 = .593$ ,  $\rho < .001$ . As variáveis preditoras da disponibilidade explicaram 59.3% desta variável. A partir da análise dos coeficientes de regressão e da significância estatística dos preditores considerados, as atitudes e as normas descritiva

foram as variáveis que melhor predisseram a disponibilidade para “aceitar” uma situação de abuso sexual (Quadro 12).

Quanto ao modelo de regressão linear múltipla do comportamento de “aceitar” uma situação de abuso sexual em função das atitudes, das normas subjetivas injuntivas e descritivas, da percepção de controlo e da disponibilidade, este mostrou-se estatisticamente significativo  $F(5,139) = 15.339$ ,  $R^2=.332$ ,  $\rho < 001$ . As variáveis consideradas como predictoras do comportamento explicaram 33.2%, sendo a disponibilidade o único predictor significativo (Quadro 12).

### Quadro 12

*Regressão linear múltipla dos efeitos das variáveis do modelo na predição da disponibilidade e do comportamento de “aceitar” a experiência sexual não desejada – abuso sexual (N = 145)*

VD	Disponibilidade					Comportamento					
	VI	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão	$\beta$	t	$\rho$	B	Erro Padrão
Constante	-	-.134	.893	-	.108	-	-	.001	-	.062	
				.015			3.890		.241		
Atitudes	.376	5.931	.001	.464	.078	-	-.621	.536	-	.050	
						.056			.031		
Normas Injuntivas	.077	1.294	.198	.046	.035	.146	1.914	.058	.039	.020	
Normas Descritivas	.472	7.077	.001	.421	.060	-	-.654	.514	-	.040	
						.065			.026		
Percepção de Controlo	.023	.425	.672	.009	.021	-	-.039	.969	.000	.011	
						.003					
Disponibilidade	-	-	-	-	-	.605	5.589	.001	.270	.048	

Ao nível das correlações entre as variáveis do modelo de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, que agrupou os três tipos de agressão, a maioria das variáveis correlacionaram-se significativamente, sendo a variável percepção de controlo a única que apresenta correlações não significativas com o comportamento e com as normas injuntivas (Quadro 13).

### Quadro 13

*Médias, desvio padrão e correlações entre variáveis latentes para o comportamento global de “aceitar” uma experiência sexual não desejada (N = 145)*

Variável	1	2	3	4	5	6	M	DP
1. Comportamento	-						.099	.201
2. Atitudes	.352***	-					1.133	.391
3. Normas Injuntivas	.301***	.287***	-				1.656	.725
4. Normas Descritivas	.324***	.531***	.363***	-			1.349	.510
5. Percepção de Controlo	-.159	-.187*	-.133	-.247**	-		3.166	1.026
6. Disponibilidade	.378***	.624***	.332***	.507***	-.130	-	1.187	.482

\* $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ .

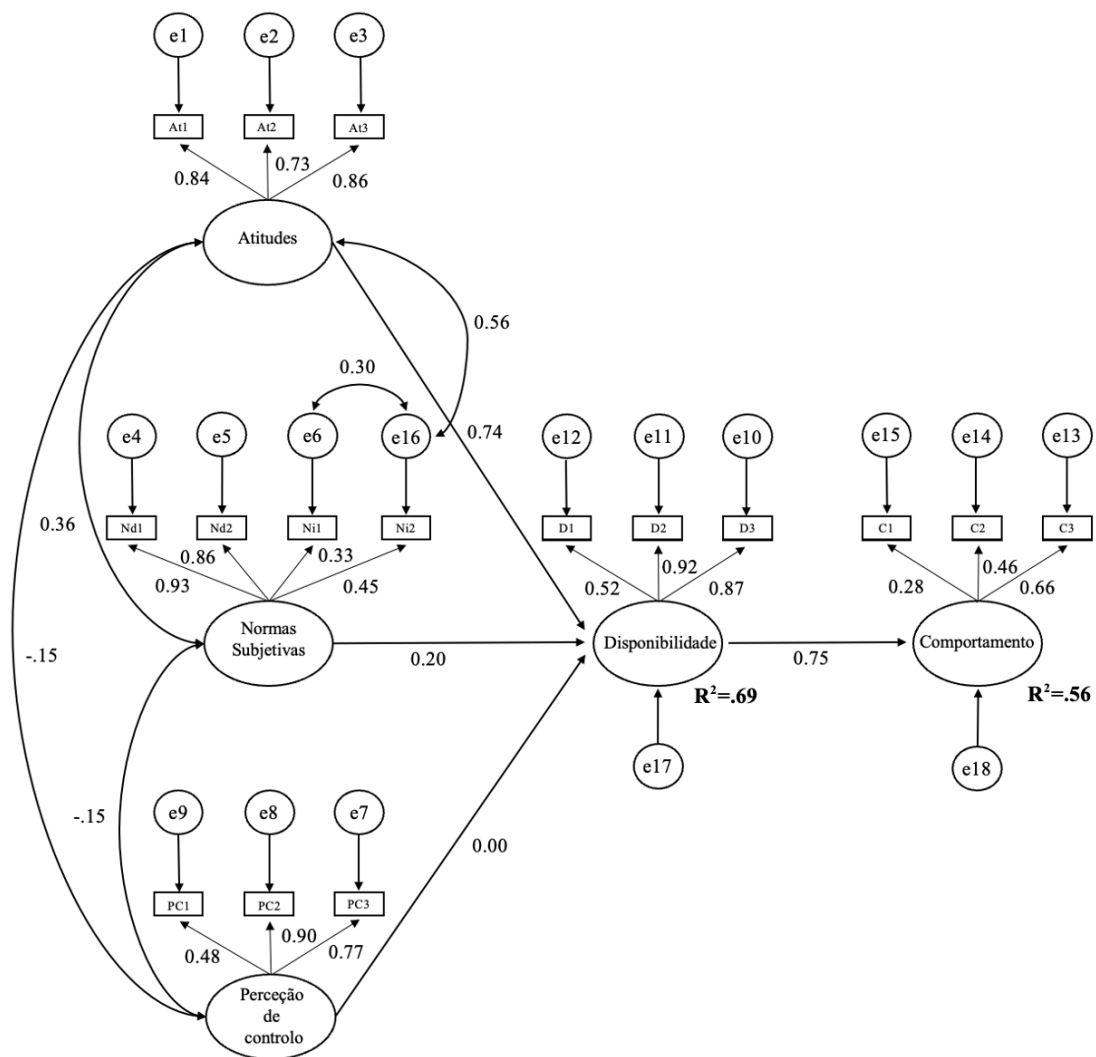
*Nota.* Estas variáveis resultam da média dos itens e do agrupamento dos vários tipos de agressão.

Na análise do modelo para os três comportamentos, este apresentou um bom ajustamento –  $\chi^2(95)=183.363$ ,  $p=.000$  ;  $\chi^2/df=1.930$ , CFI=.95 e TLI=.89 e RMSEA=.080, no entanto, foram considerados os dois índices de modificação mais elevados e relacionadas as atitudes e o erro 16, bem como os erros seis e 16 para a obtenção deste grau de ajustamento.

Na Figura 3 apresentam-se os pesos fatoriais dos itens de cada variável, bem como as correlações entre as variáveis. De acordo com o modelo proposto, as atitudes e normas subjetivas mostraram-se preditoras da disponibilidade e a disponibilidade mostrou-se preditora do comportamento. Quanto à percepção de controlo, esta não se mostrou preditora da disponibilidade. Todas as variáveis se correlacionaram entre si, positivamente, com exceção da percepção de controlo, que se correlaciona negativamente com as outras variáveis.

**Figura 3**

*Pesos fatoriais, de cada item em cada variável e correlações entre variáveis do modelo de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada*



## Discussão

Este estudo teve como objetivos explorar a prevalência dos vários tipos de agressão sexual sofridos por mulheres estudantes universitárias no contexto português e os comportamentos adotados perante estas situações. Quisemos, também, investigar as razões que levavam estas mulheres a “aceitar” experiências sexuais não desejadas consideradas como agressões sexuais. Além disso, averiguou-se se os diversos tipos de agressão sexual eram percebidos como tal pelas participantes. Por fim, procurámos compreender os fatores psicossociais individuais e contextuais que prediziam a “aceitação” de experiências sexuais não desejadas. Com base no modelo utilizado para prever o comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, duas das três hipóteses foram confirmadas: as atitudes e normas subjetivas influenciaram positivamente a disponibilidade para “aceitar” tais experiências e a disponibilidade foi o principal preditor do comportamento de “aceitar” essas experiências. Não foi confirmada a hipótese da percepção de controlo ser um preditor pela negativa da disponibilidade pois esta variável não apresentou qualquer efeito na disponibilidade.

Os resultados descritivos do estudo mostraram importantes *insights* sobre a experiência de agressão sexual entre estudantes universitárias. A prevalência de diferentes tipos de agressão sexual foi examinada, destacando-se a atenção de cariz sexual indesejada, o toque de cariz sexual indesejado, a coação sexual e o abuso sexual como algumas das formas mais comuns de agressão. Surpreendentemente, a violação foi relatada com a mesma frequência que o *stealthing*, o que não seria de esperar pelo facto de uma violação ser uma situação extrema de violência e invasora do espaço da vítima, por comparação com a retirada do preservativo durante a penetração sem autorização da mulher. Ao nível da prevalência total das agressões sexuais, estes resultados mostraram-se superiores aos de

estudos anteriores (Cantor et al., 2015, 2019; DeKeseredy, 2018; Gama, 2016) com 80,6% das participantes a afirmar ter sofrido algum tipo de agressão sexual. Este valor impressiona e mostra que no contexto português é de facto comum este tipo de situações, pelo que medidas educativas, sociais e jurídicas urgem ser tomadas de forma a combater estas situações. É ainda importante considerar que esta prevalência ocorre numa amostra de mulheres diferenciadas, com estudos superiores, maiores de idade e acredita-se que mais informadas. Estas características aumentam a preocupação sobre o que poderá estar a acontecer em faixas etárias mais baixas e/ou no caso de mulheres menos literatas e informadas sobre este fenómeno.

As análises também mostraram que, em muitos casos, as vítimas não tinham qualquer relação com o agressor, embora em situações de coação sexual, abuso sexual e *stealth*, a maioria estivesse em relações exclusivas com os agressores, o que alerta para a prevalência de violência no namoro. Ainda, ao nível das violações, a maioria das vítimas afirmou ter uma relação casual com o agressor, o que contraria um dos *rape myths*, segundo o qual uma violação estereotipicamente acontece na rua, à noite, sendo o agressor um total desconhecido que perpetra a agressão sem contexto relacional e abandona a vítima no local sem nunca mais interagir com a mesma. Os resultados apontam para que esta visão estereotípica do que é e como acontece uma violação é irrealista. Além disso, a caracterização dos agressores em todos os tipos de agressão apontou, na sua maioria, para indivíduos do sexo masculino e cisgénero, o que é concordante com a literatura existente acerca de perpetradores de violência sexual.

Em relação aos comportamentos adotados pelas vítimas durante a agressão sexual, observou-se uma variedade de respostas, desde dizer “não” ou “para” até lutar fisicamente para se defender. Dizer “não”, comportamento tão reportado, é uma forma de mostrar o não

consentimento da experiência sexual não desejada, mas o qual é pouco acatado. Esta situação apoia a importância de ser necessário um “sim” como forma de consentimento. Destaca-se o facto de que a “aceitação” da agressão sexual foi relatada por algumas vítimas, especialmente em casos de coação, *stealth* e tentativa de violação. Por um lado, a prevalência desta “aceitação” apresentou valores gerais de 27%, enquanto 67,3% das participantes reportou pelo menos uma das experiências sexuais não desejadas de que foi vítima ter continuado. Estes valores são significativos e refletem a perpetuação do fenómeno apresentado no estudo dos anos 90 de Sprecher e colaboradores (1994), o qual reportou que 55% de mulheres estudantes universitárias continuou experiências sexuais indesejadas. Porque é que uma mulher não dando o seu consentimento e não desejando ter determinada experiência sexual a “aceita” ou esta continua?

As razões apresentadas para a continuação da experiência sexual não desejada variaram de acordo com o tipo de agressão, sendo sentimentos de obrigação, pressão verbal e física e culpa razões comumente mencionadas pelas participantes. O que é concordante, de alguma forma como a dissertação de mestrado de Araújo (2017), com exceção de estar sob o efeito de álcool ou estupefacientes, que não se mostrou tão proeminente como as razões acima. As razões apresentadas pelas jovens espelham a cultura patriarcal apoiada no duplo padrão sexual a que estas mulheres são expostas. Na sociedade atual, de acordo com esta cultura, os seus desejos e vontades devem ser reprimidos em função das vontades de um homem a vários níveis, mas também no sexo, quer para lhe agradar, quer para passar uma imagem de pureza e submissão, esta mais apelativa tanto para ele como para a sociedade. Aos olhos dos ideais pós-feministas, atribui-se responsabilidade pelos resultados negativos às próprias mulheres, que ainda que se vejam a si próprias como livres e empoderadas, ainda assim sujeitam-se às heteronormas (Moran, 2017).

Quanto aos cenários apresentados às estudantes universitárias, a maioria afirmou não estar de todo disponível para “aceitar” continuar com uma experiência sexual não desejada. Este facto é interessante e algo paradoxal quando consideramos os relatos efetivos deste fenómeno ter ocorrido, ou seja, de facto foram reportadas diversas situações em que uma experiência sexual não desejada foi “aceite” e continuou. Parece então que quando o cenário é colocado de forma hipotética as jovens se sentem mais seguras de que não “aceitariam” uma experiência sexual que não desejam. Várias hipóteses explicativas se colocam. Será que estas mulheres se sentem mais preparadas para enfrentar estas situações do que efetivamente estão? É também possível que os agressores recorram a determinadas estratégias que não são tidas em consideração quando as mulheres refletem sobre a disponibilidade em cenários hipotéticos. Ainda, estarão estas mulheres expostas a uma pressão social da qual não estão conscientes aquando da preparação pessoal para enfrentar estas situações? Por último, é possível que as jovens continuem a não antecipar que estas situações se coloquem e que, de acordo com os *rape myths*, acreditem que não lhes acontecerá a elas, apenas “às outras”.

Ainda, os cenários nos quais as participantes pareceram estar relativamente mais disponíveis para “aceitar” continuar com a experiência sexual não desejada foram cenários nos quais elas não estavam totalmente conscientes para tomar uma decisão ou quando estava em causa os sentimentos ou ego do outro ou a relação. Os dois últimos aspetos refletem, mais uma vez, o duplo padrão sexual tradicional, no qual são priorizados os desejos dos parceiros ao invés dos seus próprios desejos, para lhes agradar, aumentando assim a disponibilidade para aceitar experiências sexuais não desejadas (Armstrong et al., 2010).

Relativamente à da proposta de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, para cada um dos três tipos de agressão, as atitudes e normas subjetivas foram identificadas como preditores significativos da disponibilidade para “aceitar” uma situação de agressão sexual, o que se mostra concordante com o MDP (Gerrard et al., 2008). Quanto à disponibilidade, esta mostrou-se o melhor preditor do comportamento, com exceção da situação de toque de cariz sexual não desejado, na qual as atitudes assumiram esse papel. Os resultados sugerem que as desaprovações sociais, juntamente com as atitudes das vítimas, desempenham um papel crucial na predição do seu comportamento em relação à agressão sexual. Estes resultados são úteis, pois informam sobre o impacto que a sociedade e as pessoas que nos rodeiam têm neste fenómeno de “aceitação” de uma experiência sexual não desejada. Ainda, estas normas sociais podem afetar as atitudes face a uma determinada situação, pois é em sociedade que aprendemos o que é certo e errado, aceitável e reprovável. Estas informações permitem-nos educar e cultivar conhecimento na sua vertente individual e social. Quanto à perceção de controlo, a maioria das participantes mostrou não saber se teria ou não controlo sobre a situação de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, ainda que esta variável não se tenha mostrado significativa no contexto do modelo de predição do comportamento. Este fenómeno pode ser um reflexo dos discursos heteronormativos que impactam de forma negativa a autonomia sexual das mulheres e diminuem a propensão para a assertividade (Moran, 2017), ou até de algum receio de consequências psicológicas ou físicas de tentar tomar o controlo da situação.

O modelo de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, o qual incluiu os três tipos de agressão agregados, destacou novamente a importância das atitudes e normas subjetivas na influência da disponibilidade que, por sua

vez, afetou o comportamento das vítimas em relação à “aceitação” ou rejeição de situações de agressão sexual. De acordo com este modelo, este comportamento é igualmente previsto pelas atitudes e normas subjetivas (injuntivas e descritas), mediadas pela disponibilidade, sendo 56% da variância do comportamento explicada por estas variáveis.

Este estudo fornece informações valiosas sobre a prevalência e as dinâmicas da agressão sexual que vitimam estudantes universitárias, destacando a complexidade dessas experiências e a influência de fatores individuais e sociais na tomada de decisões das vítimas em tais situações. Estes resultados têm implicações importantes para a consciencialização e prevenção da agressão sexual nas instituições de ensino superior.

### **Limitações, pistas para investigações futuras e implicações**

Este estudo tem diversas limitações que importa elencar. A amostra ser apenas composta por elementos do sexo feminino pode constituir uma limitação, visto que os homens também são alvo de agressões sexuais, podendo ser importante na prevenção da violência sexual explorar indivíduos do sexo masculino (e outros) no contexto universitário em estudos futuros. Quanto à proposta de predição do comportamento de “aceitar” uma experiência sexual não desejada, pelo facto de naturalmente uma agressão sexual ser vista maioritariamente como algo negativo, as atitudes e normas subjetivas apresentaram-se desfavoráveis a este fenómeno de “aceitação”. No entanto, foram reportados níveis de “aceitação” efetiva, continuação da experiência sexual não desejada e razões para tal com resultados expressivos. Assim, poderia ser interessante reformular a forma como as várias variáveis do modelo de predição foram exploradas, de maneira a obter resultados mais congruentes com a realidade observada, ou seja, reformular os itens que avaliam atitudes, percepção de controlo e disponibilidade. Isto, com vista a evitar a manutenção de uma

imagem positiva e refletir como o contexto e a oportunidade podem promover a disponibilidade. Ainda, não mencionar esta “aceitação” num contexto de agressões sexuais, poderá influenciar a forma como experiências sexuais não desejadas são percebidas pelas participantes, trazendo mais clareza ao modelo. Por outro lado, o facto do modelo aplicado não incluir a intenção como variável, o que neste caso específico não faria sentido, torna a perceção de controlo uma variável não significativa. Em estudos de outro cariz, isto é, em que o comportamento não seja algo tão negativo, a inclusão desta variável talvez possa melhorar o poder preditivo do modelo.

Ao nível das implicações do estudo, esperamos que estes resultados contribuam para alertar a comunidade estudantil do fenómeno que é a agressão sexual e instigar a criação de políticas de prevenção e psicoeducação por parte dos órgãos diretivos das Escolas. Pretende-se que as jovens adultas tenham ferramentas para estarem melhor preparadas para lidar com estas situações, se possam proteger melhor das mesmas e as possam evitar. A nível dos contributos clínicos, o conhecimento da prevalência, as razões para “aceitar” experiências sexuais indesejadas e algumas variáveis individuais e sociais que influenciam a “aceitação” destas experiências, permitem desenvolver intervenções clínicas mais adaptadas à vivência sofrida pelas vítimas de agressão sexual. Por último, aumentar a literatura científica deste tema em Portugal de forma a, mais ambiciosamente, informar e consciencializar social e juridicamente sobre este problema de saúde pública, com o objetivo de motivar e influenciar mudanças estruturais na nossa sociedade, ainda com situações gritantes ao nível do crime de violência sexual.

Em jeito de conclusão, este estudo mostra a complexidade das experiências de agressão sexual entre estudantes universitárias, destacando, por um lado a prevalência preocupante de diferentes formas de agressão e por outro a sua complexidade decorrente das inúmeras

variáveis que modelam as dinâmicas entre vítimas e agressores, assim como as estratégias de *coping* adotadas pelas vítimas. Além disso, as atitudes e normas subjetivas desempenham um papel significativo na determinação da disponibilidade das vítimas para “aceitar” ou “não aceitar” uma situação de agressão sexual. Estes resultados enfatizam a necessidade de estratégias de prevenção abrangentes e de apoio para assegurar a segurança e o bem-estar das estudantes universitárias diante desse sério problema.

## Referências Bibliográficas

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211.
- Alam, N., & Alldred, P. (2021). Condoms, trust and stealthing: the meanings attributed to unprotected hetero-sex. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(8), 4257.
- Alvarez, M.-J., Pegado, A., Luz, R., & Amaro, H. (2023). Still striving after all these years: between normality of conduct and normativity of evaluation in casual relationships among college students. *Current Psychology*, 42(13), 10645-10655.
- American Psychological Association (2007). *Merriam-Webster's online dictionary* (11<sup>th</sup> ed.). Retrieved from <https://dictionary.apa.org>
- Araújo, C. P. (2017). *A violência sexual nos estudantes universitários portugueses*. [Tese de mestrado]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/5919>
- Armstrong, E. A., Hamilton, L., & England, P. (2010). Is hooking up bad for young women?. *Contexts*, 9(3), 22-27.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469.
- Bannon, R. S., Brosi, M. W., & Foubert, J. D. (2013). Sorority women's and fraternity men's rape myth acceptance and bystander intervention attitudes. *Journal of Student Affairs Research and Practice*, 50(1), 72-87. <https://doi.org/10.1515/jsarp-2013-0005>
- Bevens, C. L., & Loughnan, S. (2019). Insights into men's sexual aggression toward women: Dehumanization and objectification. *Sex Roles*, 81(11-12), 713-730.

- Burkett, M., & Hamilton, K. (2012). Postfeminist sexual agency: Young women's negotiations of sexual consent. *Sexualities, 15*(7), 815-833.
- Cantor, D., Fisher, B., Chibnall, S., Harps, S., Townsend, R., Thomas, G., Lee, H., Kranz, V., Herbison, R., & Madden, K. (2019). *Report on the AAU campus climate survey on sexual assault and misconduct*. Westat.
- Cantor, D., Fisher, B., Chibnall, S., Townsend, R., Lee, H., Bruce, C., & Thomas, G. (2015). *Report on the AAU campus climate survey on sexual assault and sexual misconduct*. Westat.
- Conroy, N. E., Krishnakumar, A., & Leone, J. M. (2015). Reexamining issues of conceptualization and willing consent: The hidden role of coercion in experiences of sexual acquiescence. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(11), 1828-1846.
- DeKeseredy, W. S. (2018). Sexual assault on the college campus. In P. Lussier, & E. Beauregard (Eds.), *Sexual offending* (pp. 204–219). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315522692-11>
- Edwards, K. M., Gidycz, C. A., & Murphy, M. J. (2015). Leaving an abusive dating relationship: A prospective analysis of the investment model and theory of planned behavior. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(16), 2908-2927.
- Edwards, K. M., Probst, D. R., Tansill, E. C., Dixon, K. J., Bennett, S., & Gidycz, C. A. (2014). In their own words: A content-analytic study of college women's resistance to sexual assault. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(14), 2527-2547.
- Edwards, K. M., Turchik, J. A., Dardis, C. M., Reynolds, N., & Gidycz, C. A. (2011). Rape myths: History, individual and institutional-level presence, and implication for change. *Sex Roles, 65*(11–12), 761–773. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9943-2>

- Endendijk, J., van Baar, J., & Dekovi, M. (2020). He is a stud, she is a slut! A meta-analysis on the continued existence of sexual double standards. *Personality and Social Psychology Review*, 24(2), 163-190.
- Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2018). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, Violence, & Abuse*, 19(1), 76–93. <https://doi.org/10.1177/1524838016631129>
- Fisher, B., Cullen, F., & Turner, M.G. (2000). *The sexual victimization of college women: Findings from two national-level studies*. National Institute of Justice and Bureau of Justice Statistics.
- Fisher, B.S., Sloan, J.J., Cullen, F.T., & Lu, C. (1998). Crime in the ivory tower: The level and sources of student victimization. *Criminology*, 36(3), 671-710.
- Fitzgerald, L. F., Gelfand, M. J., & Drasgow, F. (1995). Measuring sexual harassment: Theoretical and psychometric advances. *Basic and Applied Social Psychology*, 17(4), 425-445.
- Forsman, R. L. (2017). Prevalence of sexual assault victimization among college men, aged 18–24: A review. *Journal of Evidence-Informed Social Work*, 14(6), 421-432.
- French, B. H., Tilghman, J. D., & Malebranche, D. A. (2015). Sexual coercion context and psychosocial correlates among diverse males. *Psychology of Men & Masculinity*, 16(1), 42–53. <https://doi.org/10.1037/a0035915>
- Gama, J. P. (2016). *Violência sexual no campus universitário em Portugal* [Tese de mestrado]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/5091>
- Gerrard, M., Gibbons, F. X., Houlihan, A. E., Stock, M. L., & Pomery, E. A. (2008). A dual-process approach to health risk decision making: The prototype willingness model. *Developmental Review*, 28(1), 29-61.

- Halpern, C. T., & Kaestle, C. E. (2014). Sexuality in emerging adulthood. In *APA handbook of sexuality and psychology: Person-based approaches*, (Vol. 1, pp. 487–522). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14193-016>
- Harris, B. S., & Schmalz, D. (2016). “Cool” party, bro: The fraternity use of party structure as a mechanism for control over female status on campus. *Deviant Behavior*, 37(11), 1227-1238.
- Howard, R. M., Potter, S. J., Guedj, C., & Stapleton, J. G. (2018). Sexual violence, relationship violence, and stalking on campus. In M. D. Cimini, & E. M. Rivero, (Eds.), *Promoting behavioral health and reducing risk among college students* (pp. 87–114). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315175799-6>
- Humphreys, T. P., & Kennett, D. J. (2011). Reasons for consenting to unwanted sex scale. In R. R. Milhausen, J. K., Sakaluk, T. D. Fisher, C. M. Davis & W. L. Yarber, (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures* (pp. 176-178). Routledge.
- Jaffe, A. E., Cero, I., & DiLillo, D. (2021). The #MeToo movement and perceptions of sexual assault: College students’ recognition of sexual assault experiences over time. *Psychology of Violence*, 11(2), 209-218.
- Kim, Y., Lee, E., & Lee, H. (2019). Sexual double standard, dating violence recognition, and sexual assertiveness among university students in South Korea. *Asian Nursing Research*, 13(1), 47-52.
- Krahé, B. (2012). Sexual scripts and heterosexual aggression. In T. Eckes, & H. M. Trautner, (Eds.), *The developmental social psychology of gender* (pp. 287-306). Psychology Press.
- Krahé, B. (2020). *The social psychology of aggression*. Routledge.

- Krahé, B., Schuster, I., & Tomaszewska, P. (2021). Prevalence of sexual aggression victimization and perpetration in a German university student sample. *Archives of Sexual Behavior*, 50(5), 2109–2121. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-01963-4>
- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among young people in Europe: A review of the evidence from 27 EU countries. *Aggression and Violent Behavior*, 19(5), 545-558.
- Li, M. Y., Frieze, I., & Tang, C. S. K. (2010). Understanding adolescent peer sexual harassment and abuse: Using the theory of planned behavior. *Sexual Abuse*, 22(2), 157-171.
- Lewis, R., & Marine, S. (2018). Student feminist activism to challenge gender based violence. In S. Anitha, & R. Lewis, (Eds.), *Gender based violence in university communities* (pp. 129-148). Policy Press.
- Moran, C. (2017). Re-positioning female heterosexuality within postfeminist and neoliberal culture. *Sexualities*, 20(1-2), 121-139.
- Muehlenhard, C. L., Humphreys, T. P., Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2016). The complexities of sexual consent among college students: A conceptual and empirical review. *Journal of Sex Research*, 53(4-5), 457-487.
- Mugleton, N. K., Tarran, S. R., & Fincher, C. L. (2019). Who punishes promiscuous women? Both women and men are prejudiced towards sexually-accessible women, but only women inflict costly punishment. *Evolution and Human Behavior*, 40(3), 259-268.
- O'Connor, J., Cusano, J., McMahon, S., & Draper, J. (2018). Students' articulation of subtle rape myths surrounding campus sexual assault. *Journal of College Student Development*, 59(4), 439-455.

- Organização Mundial de Saúde (2019). *Violence against women: Intimate partner and sexual violence against women. Evidence brief* (No. WHO/RHR/19.16). World Health Organization.
- Organização Mundial da Saúde, & Krug, E. G. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde* (pp. 380-380). Organização Mundial da Saúde.
- Palamar, J. J., & Griffin, M. (2020). Non-consensual sexual contact at electronic dance music parties. *Archives of Sexual Behavior, 49*(3), 909-917.
- Peterson, Z. D., & Muehlenhard, C. L. (2007). Conceptualizing the “wantedness” of women’s consensual and nonconsensual sexual experiences: implications for how women label their experiences with rape. *Journal of Sex Research, 44*(1), 72–88. <https://doi.org/10.1080/00224490709336794>
- Rampton, M. (2015). Four waves of feminism. *Pacific University Oregon, 25*, 1-10.
- Sinko, L., Munro-Kramer, M., Conley, T., & Saint Arnault, D. (2021). Internalized messages: The role of sexual violence normalization on meaning-making after campus sexual violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 30*(5), 565-585.
- Sistema de Segurança Interna, Gabinete do Secretário-Geral. (2022). *Relatório Anual de Segurança Interna*. MAI.
- Sprecher, S., Hatfield, E., Cortese, A., Potapova, E., & Levitskaya, A. (1994). Token resistance to sexual intercourse and consent to unwanted sexual intercourse: College students dating experiences in three countries. *Journal of Sex Research, 31*(2), 125–132. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499409551739>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics* (4<sup>th</sup> ed.). Allyn and Bacon.

- Tewksbury, R., & Mustaine, E. E. (2001). Lifestyle factors associated with the sexual assault of men: A routine activity theory analysis. *The Journal of Men's Studies*, 9(2), 153-182.
- Tolman, R. M., Edleson, J. L., & Fendrich, M. (1996). The applicability of the theory of planned behavior to abusive men's cessation of violent behavior. *Violence and Victims*, 11(4), 341– 354.
- Wade, L. (2017). *American hookup: The new culture of sex on campus*. WW Norton & Company.
- Walker, S. J. (1997). When “no” becomes “yes”: Why girls and women consent to unwanted sex. *Applied and Preventive Psychology*, 6(3), 157-166.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Questionário (Nascimento, B. & Alvarez, M. J., 2022)

#### Secção do questionário sociodemográfico

##### **Qual o seu sexo?**

- Feminino

##### **Qual o género com que se identifica?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

##### **Qual a sua idade?**

- (...)

##### **Qual a orientação sexual com que se identifica?**

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Assexual
- Outro...

##### **Qual a área de educação e formação académica em que se encontra?**

- Artes
- Humanidades
- Ciências Sociais e do Comportamento

- Informação e Jornalismo
- Ciências Empresariais
- Direito
- Ciências da Vida
- Ciências Físicas
- Matemática e Estatística
- Informática
- Engenharia e Técnicas Afins
- Indústrias Transformadoras
- Arquitetura e Construção
- Agricultura, Silvicultura e Pescas
- Ciências Veterinárias
- Saúde
- Serviços Sociais
- Serviços Pessoais
- Serviços de Transporte
- Proteção do Ambiente
- Serviços de Segurança
- Desconhecido ou não especificado

**Qual o ano académico em que se encontra?**

- 1º Ano do 1º Ciclo de Estudos
- 2º Ano do 1º Ciclo de Estudos
- 3º Ano do 1º Ciclo de Estudos

- 4º Ano do 1º Ciclo de Estudos
- 1º Ano do 2º Ciclo de Estudos
- 2º Ano do 2º Ciclo de Estudos
- 1º Ano do 3º Ciclo de Estudos
- 2º Ano do 3º Ciclo de Estudos
- 3º Ano do 3º Ciclo de Estudos
- 4º Ano do 3º Ciclo de Estudos

### **Secção do questionário de agressões sexuais**

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Atenção de Cariz Sexual Indesejada:** Qualquer tipo de atenção sexual verbal ou não verbal indesejada, excluído o toque (Exemplos: assédio sexual, perseguição ou assédio persistente (*stalking*), telefonemas obscenos, etc.)

- Sim
- Não

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa
- Noiva
- Casada
- Não tinha qualquer tipo de relação

- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "pára"
- Gritei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocie
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada
- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes
- Estava inconsciente

- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa
- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o género com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Toque de Cariz Sexual indesejado:** Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração sexual.

- Sim
- Não

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa
- Noiva
- Casada

- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "para".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocie
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada
- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes

- Estava inconsciente
- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa
- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o género com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Coação Sexual:** Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual.

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa
- Noiva
- Casada

- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "para".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocie
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada
- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes

- Estava inconsciente
- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa
- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o género com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Abuso:** Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos.

- Sim
- Não

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa

- Noiva
- Casada
- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "pára".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocieei
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada
- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes
- Estava inconsciente

- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa
- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o género com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Stealthing:** Remoção secreta do preservativo por um parceiro (geralmente homem) durante a relação sexual sem o conhecimento ou permissão do parceiro, a qual produz sexo não consensual sem proteção.

- Sim
- Não

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa
- Noiva

- Casada
- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "pára".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocieei
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada
- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada

- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes
- Estava inconsciente
- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa
- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim

- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o gênero com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgênero
- Transgênero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Tentativa de Violação:** Tentativa de penetração oral, anal ou vaginal não consensual por parte de outra pessoa com uma parte do corpo ou um objeto, utilizando a força ou ameaças de danos corporais ou tirando partido da incapacidade da pessoa de dar ou negar o seu consentimento sem que se efetue a tentativa.

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva
- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)

- A viver com a pessoa
- Noiva
- Casada
- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "pára".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negociei
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada

- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes
- Estava inconsciente
- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa

- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o gênero com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgênero
- Transgênero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Já se encontrou numa situação em que o seguinte ocorreu?**

**Violação:** Penetração oral, anal ou vaginal não consensual por parte de outra pessoa com uma parte do corpo ou um objeto, utilizando a força ou ameaças de danos corporais ou tirando partido da incapacidade do indivíduo de dar ou negar o seu consentimento.

**Em que tipo de contexto relacional se encontrava com a pessoa com quem a situação ocorreu?**

- Solteira, sem relação exclusiva

- Solteira, numa relação exclusiva (ex. namoro)
- A viver com a pessoa
- Noiva
- Casada
- Não tinha qualquer tipo de relação
- Outra...

**Qual foi o comportamento que adotou perante esta situação?**

- Disse "não" ou "pára".
- Gritei ou berrei
- Lutei fisicamente para me defender
- Fugi
- Argumentei/Implorei/Negocieei
- Afastei/Empurrei
- Ignorei/Fingi que estava a dormir
- Chorei
- Congelei/Fiquei em choque/Paralisei
- "Cedi" ou "aceitei"

**A experiência sexual não desejada continuou?**

- Sim
- Não

**Tendo em conta que a experiência sexual não desejada continuou, assinale a/s razão/ões que considera enquadrarem-se na sua experiência.**

- Senti-me obrigada a continuar a experiência sexual não desejada

- A pessoa pressionou-me verbalmente para continua a experiência sexual não desejada
- A pessoa implorou-me para continuar a experiência sexual não desejada
- Tinha ingerido bebidas alcoólicas ou estupefacientes
- Estava inconsciente
- Sentia-me culpada caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Tive receio da pessoa me deixar caso não continuasse a experiência sexual não desejada
- Quis evitar tensão na relação na relação
- Quis que a pessoa não perdesse o interesse em mim
- Continuei a experiência sexual não consentida para promover a intimidade
- Senti necessidade de satisfazer a pessoa
- Senti que não era correto terminar a experiência sexual não desejada porque não quis ir contra os sinais que já tinha dado à pessoa de que queria ter sexo
- Não queria magoar os sentimentos a pessoa
- A pessoa fisicamente não me deixou terminar com a experiência sexual não desejada
- Não queria que a pessoa se sentisse rejeitado/a
- Senti que a pessoa ia gostar mais de mim se não terminasse com a experiência sexual não desejada
- A pessoa convenceu-me de forma não agressiva a continuar a experiência sexual não desejada
- Queria evitar uma discussão com a pessoa

- Achei que era socialmente suposto continuar a experiência sexual não desejada
- Quis corresponder às expectativas das pessoas próximas de mim
- Tive medo de sofrer algum tipo de violência física caso não continuasse a experiência sexual não desejada

**Qual o sexo da pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Masculino
- Feminino
- Outro...

**Qual o género com que se identifica a pessoa com quem experienciou esta situação?**

- Cisgénero
- Transgénero
- Não-Binário
- Outro...

**Considera esta situação como uma agressão sexual?**

- Sim
- Não

**Secção do questionário de predição da “aceitação” de experiências sexuais não desejadas**

**Por favor, selecione a resposta “Parece-me totalmente correto” à questão que se segue. Isto não é uma pergunta com rasteira. Considero que “aceitar” um Toque de Cariz Sexual Indesejado (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração) ...**

- Não me parece correto – Talvez não seja correto – Não sei se é correto ou não – Provavelmente é correto – Parece-me totalmente correto

**Agora, de acordo com o que acredita, responda à seguinte questão. Considero que “aceitar” uma situação de...**

**Toque de Cariz Sexual Indesejado** (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)

**Coação Sexual** (Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual)

**Abuso** (Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos)

- Parece-me ser muito prejudicial – Parece-me ser um pouco prejudicial – Não sei se é prejudicial ou não – Parece-me ser benéfico – Parece-me ser muito benéfico
- É muito desagradável – É um pouco desagradável – Não é nem agradável nem desagradável – É agradável – É muito agradável
- Não é nada excitante – É um pouco excitante – Não sei se é excitante ou não – É algo excitante – É muito excitante

**Como pensa que a maioria das pessoas se posiciona face a você “aceitar” uma situação de...**

**Toque de Cariz Sexual Indesejado** (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)

**Coação Sexual** (Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual)

**Abuso** (Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos)

- Toda a gente desaprovava – Algumas pessoas desaprovavam – Não aprovavam nem desaprovavam – Algumas pessoas aprovavam – Toda a gente aprovava
- Toda a gente acharia errado – Algumas pessoas achariam errado – As pessoas não achariam nem errado nem certo – Algumas pessoas achariam correto – Toda a gente acharia correto

**Pensando nas pessoas mais próximas de si, como pensa que estas se comportam face a “aceitarem” uma situação de...**

**Toque de Cariz Sexual Indesejado** (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)

**Coação Sexual** (Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual)

**Abuso** (Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos)

- Ninguém aceitaria – Poucas pessoas aceitariam – Não sei se as pessoas aceitariam ou não – Muitas pessoas aceitariam – Todas aceitariam
- Não achariam nada excitante – Achariam pouco excitante – Não sei se achariam excitante – Achariam algo excitante – Achariam muito excitante

**Indique nesta escala o quanto está no seu controle “aceitar” ou não uma situação de...**

**Toque de Cariz Sexual Indesejado** (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)

**Coação Sexual** (Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual)

**Abuso** (Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos)

- Não conseguia evitar a situação – Talvez não conseguisse evitar a situação – Não sei se conseguia evitar a situação – Talvez conseguisse evitar a situação – Conseguiria evitar a situação
- Não tenho poder de decisão – Tenho pouco poder de decisão – Não sei se tenho poder de decisão – Tenho algum poder de decisão – Tenho todo o poder de decisão
- Não depende nada de mim – Depende um pouco de mim – Depende dos dois – Depende maioritariamente de mim – Depende completamente de mim

**Quão disponível estaria para "aceitar" continuar com experiências sexuais que envolvessem as seguintes situações?**

**Toque de Cariz Sexual Indesejado** (Qualquer toque de cariz sexual indesejado, como agarrar, acariciar ou beijar, excluindo penetração)

**Coação Sexual** (Uso de força física, dano, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão ou mesmo uso de álcool ou drogas para o avanço do comportamento sexual)

**Abuso** (Interações em que uma pessoa se comporta de forma cruel, violenta, humilhante ou invasiva em relação a outra pessoa, as quais implicam maus-tratos sexuais, físicos e psicológicos)

- Não estaria de todo disponível para continuar – Talvez não estivesse disponível para continuar – Não sei se estaria disponível para continuar – Talvez estivesse disponível para continuar – Estaria totalmente disponível para continuar

**Suponha que está perante uma experiência sexual que não deseja, de acordo com cada uma das situações que se seguem. O quanto estaria disponível para “aceitar” continuar com a experiência?**

- Imagine-se numa situação em que a outra pessoa a pressione verbalmente para uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- Imagine-se numa situação em que se encontra física ou psicologicamente alterada (sob o efeito de substâncias como álcool ou drogas), o quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja?

- Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- Imagine-se numa situação em que sente o dever de corresponder às expectativas do outro, o quão disponível estaria para aceitar uma experiência sexual que não deseja?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- Imagine-se numa situação em que sente que a estabilidade da sua relação (seja esta casual, regular ou outra) pode ser afetada caso não aceite uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- O quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja para proteger os sentimentos do outro?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- O quão disponível estaria para a aceitar uma experiência sexual que não deseja com o objetivo da outra pessoa gostar mais de si?

- Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- Imagine-se numa situação em que a outra pessoa a pressione fisicamente para uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência
- Imagine-se numa situação em que sente que as pessoas próximas de si ficariam com uma má impressão sua ou ficariam dececionadas consigo por recusar uma experiência sexual que não deseja... o quão disponível estaria para a aceitar?
  - Não continuava a experiência de todo – Talvez continuasse a experiência – Não sei se continuava a experiência – Provavelmente continuava a experiência – Com certeza que continuava a experiência

**É importante para o nosso estudo que os dados recolhidos sejam verdadeiros e fiáveis.**

**Numa escala de “1 – Não estive nada atenta“ a “4 – Estive completamente atenta“, como pensa que esteve a sua atenção ao longo de todo o questionário?**

1. Não estive nada atenta
2. Estive pouco atenta
3. Estive bastante atenta
4. Estive completamente atenta

**Caso tenha sido uma participante angariada por um/a aluno/a da disciplina de Introdução à Sexualidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa assinale "Sim" e indique por favor o primeiro e último nome do/a respetivo/a aluno/a.**

**Se não for este o seu caso peço que selecione a opção "Não" e avance para o final do questionário.**

- Sim...
- Não

## **Anexo 2 – Consentimento Informado**

A vivência da sexualidade faz parte do processo natural na vida adulta. No contexto universitário existem, por vezes, experiências sexuais menos positivas ou até não desejadas que acabam por ser de alguma forma “aceites”.

O meu nome é Bárbara Amorim Nascimento e sou estudante do último ano do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde – especialidade Cognitivo-Comportamental Integrativa – na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Sob a orientação científica da Profa Doutora Maria João Alvarez estamos a desenvolver um estudo para a minha dissertação de mestrado sobre a aceitação de experiências sexuais não desejadas por mulheres estudantes universitárias em Portugal.

## **Objetivos**

Estamos interessadas em compreender que tipos de experiência sexuais não desejadas são vividas por mulheres estudantes universitárias em Portugal, quais os principais preditores da aceitação de experiências sexuais não desejadas e compreender se estas experiências são percebidas como agressões sexuais.

## **Participação**

Mulheres estudantes universitárias em Portugal com idade igual ou superior a 18 anos e que falem fluentemente a Língua Portuguesa podem fazer parte do estudo. Se aceitar participar ser-lhe-á pedido que preencha um questionário, indicando que tipos de experiências sexuais não desejadas já experienciou, quais as razões para tal e como percebe esta aceitação. Ser-lhe-á pedido que preencha também um questionário com informação sociodemográfica.

A sua participação tem uma duração prevista de 10 a 20 minutos, dependendo das suas experiências.

## **Riscos e benefícios**

Ao participar estará a contribuir para o avanço do conhecimento científico ao nível compreensão do fenómeno das agressões sexuais em jovens universitárias e as suas características em Portugal. Também poderá tornar-se mais consciente de assuntos relevantes para si em matéria de saúde e violência sexual.

Se surgir alguma questão ou dúvida decorrente da sua participação no estudo, poderá entrar em contacto com a Investigadora Responsável através do e-mail [barbaramorimnascimento@gmail.com](mailto:barbaramorimnascimento@gmail.com) ou com a Coordenadora Científica do Projeto Profa Doutora Maria João Alvarez ([mjalvarez@psicologia.ulisboa.pt](mailto:mjalvarez@psicologia.ulisboa.pt)).

Por este estudo abordar um tema sensível, caso esteja interessada em ser acompanhada psicologicamente, poderá consultar o link (<https://spsc.pt/index.php/consultas-publicas/>) da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, onde pode consultar os locais disponíveis para o acompanhamento. Poderá também consultar o link ([https://apav.pt/apav\\_v3/index.php/pt/](https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/)) e recorrer aos serviços da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

### **Aspetos éticos e deontológicos**

O presente estudo obteve parecer favorável pela Comissão de Ética e Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL).

A sua participação neste estudo é voluntária e livre, podendo desistir a qualquer momento sem necessidade de justificação.

Todos os dados disponibilizados serão tratados e arquivados de forma totalmente confidencial e anónima e todos os questionários serão eliminados no final da investigação.

Qualquer questão ou pedido de informação complementar deverá ser dirigida à Investigadora Responsável através do e-mail [barbaramorimnascimento@gmail.com](mailto:barbaramorimnascimento@gmail.com). No final do estudo, os resultados e conclusões serão disponibilizados a partir de Outubro de 2023 na página do Human Sex Lab: <http://humansexlab.psicologia.ulisboa.pt>.

**Pretende-se que responda a cada questão da forma mais sincera e honesta possível, escolhendo a/as resposta/as que melhor descrevem a sua experiência, não existindo respostas certas ou erradas.**

### **Consentimento**

Ao seleccionar “Aceito participar nesta investigação”, declaro que:

- Sou maior de idade
- Li este formulário de consentimento

- Considero que me foi prestada a informação necessária acerca da natureza e objetivos

do estudo

- Vi esclarecidas as minhas dúvidas de forma satisfatória.
- Dou o meu consentimento para participar neste estudo

- Aceito participar nesta investigação

- Não aceito participar nesta investigação

**Muito obrigada pelo seu interesse, disponibilidade e colaboração!**